FON FON
ANNO XXVII — N.° 21
Rio, 27 de Maio de 1933
PREÇO: 1$000

A dona de casa cuidadosa examina a fazenda que deseja comprar e escolhe a de melhor QUALIDADE.

Se exigimos qualidade nos tecidos que vestimos, com muito maior razão a devemos exigir no remedio que introduzimos em o nosso organismo. Por isso contra as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, dôres rheumaticas, enxaquecas e incommodos de senhoras, devemos sempre exigir Cafiaspirina, o remedio de confiança que allivia as dôres e é absolutamente inoffensiva.

CAFIASPIRINA
Marca registrada

Recuse as imitações!

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

Mlle. Pitigrilli, Patou & Cia.

De Vera Vane

O seu espirito é um "cock-tail" das creações de Pitigrilli, num corpo que Zig-Brunner desenhou e Patou vestiu. A sua personalidade "exquise" e a sua figura decorativa não foram creadas para brilhar sob este sol burguez e tropical. Sabe disso. E, por isso, sonha com os scenarios aristocraticos da *Côte d'Azur*, com o luxo "standardizado" dos grandes transatlanticos, com o cosmopolismo "raffiné" dos hoteis internacionaes; prestigiados pela "reclame" colorida das "Illustrations"; pelos cartazes suggestivos das agencias maritimas; pela visão phantasmagorica de Hollywood... Mas o destino prosegue indifferente á realização da sua personalidade. Porque Mlle. Pitigrilli é uma auto creação. Tudo nella, desde o rythmo sensual do andar ao timbre harmonioso da voz, é estudado. Artificial. Quando a observam, toma attitudes esphyngeticas de Greta Garbo, para fazer crer a todo mundo que a sua vida é um romance mysterioso... Quando fala, tenta pôr muita ironia nas sombrancelhas muito altas e um superior desdém nos labios muito rubros. Aos seus olhos negros, incrivelmente negros, sabe dar, quando deseja, um brilho estranho de pedrarias raras. E pratica todos os sportes, em que, "sob o manto diaphano da phantasia", possa exhibir a nudez branca do seu corpo estylizado. Fuma como um arabe que o "haschich" viciou. Bebe como um inglez com alguma pratica das Indias. E, si fosse rica, seria capaz de empobrecer, numa hora, deante de uma banca de roleta, ou num páreo de Long-Champs. Mlle. Pitigrilli tem a volupia do escandalo. A sua preoccupação é ser unica. Original. Entretanto, no intimo...

Interrompeu-se para seguir, com um olhar estranho, a sua figura esbelta, que se perdia ao longe, gritando em rubro na luz crua da manhã. Em frente, o mar era uma enorme placa scintillando ao sol. Depois, desviando o olhar para o seu "grog" ainda intacto:

— Foi ella que occasionou, ha dois annos, aquella minha fuga para a Europa, e que, até hoje, é um mysterio para muita gente. Conheci-a numa festa de caridade de Mme. de Lornes, aquella viuva, cujos milhões o Luiz Aurelio cortejava com uma persistencia torva de chinez. Lembra-se? Pois bem. A festa era no seu palacete da Avenida. Eu acabava, depois de um "fox" nervoso, de acompanhar ao seu logar uma pequena, ingenua como uma recem-liberta do "Sion", e loira como uma boneca "made in Germany", quando vi, no rectangulo azul de uma das portas que davam para o mar, a sua silhueta esbelta, vestida numa "toilette bordeaux", a que o sol dava tonalidades sanguineas, por vezes quasi roxas, esmaecendo em rosa forte, num "degradé" decorativo, espaventosamente "chic"! Para os meus olhos civilizadoramente mundanos ella foi uma revelação. Quando uma amiga commum nos apresentou, entre uma valsa hawaiana e um tango argentino, preferimos um recanto silencioso, sob a protecção artificial de grandes festões coloridos, á atmosphera asphyxiante da sala já repleta. Confesso que me deixou deslumbrado com a sua erudição invulgar, porque você sabe que estas pequenas modernas são de uma ignorancia encyclopedica! Ella era differente. Como a orchestra parodiasse, num "fox" horrivel, a "rêve d'amour", começamos, num protesto, a falar de musica (lembro-me de que era apaixonada dos modernos e, mais, de Strawinsky). Depois, não sei como, através da musica russa, chegámos ao communismo, e, consequentemente, á emancipação da Mulher, que ella, nas suas idéas avançadas, citando Mme. Brunschvig e Kameneva, defendeu, calorosamente, e eu, hypocritamente, ataquei. Hypocritamente, sim. Quem não concorda que a sociedade é uma escola de depravação? Que a mulher á antiga é uma degenerada? Que o casamento é uma instituição fallida? Terminado o assumpto, ella começou, feminilmente, a falar de si (As mulheres, meu amigo, como os intellectuaes, quando não começam acabam sempre por falar de si). Soube, então, que Mlle. Pitigrilli tem a avidez das grandes emoções, das emoções que empolgam o seu espirito saturado de "spleen". Quer assistir a espectaculos occidentalmente inéditos: um "jiu-jitzu" um "kara-kiri", ou uma luta exterminadora entre tribus selvagens... Quer sentir as sensações do perigo e da ventura, e penetrar nas florestas impenetraveis do Amazonas, da Africa, da Asia... Quer conhecer, ainda que transitoria e mortal, a felicidade dos toxicos: o "haschich", o ópio, a cocaina...

"Desde esse dia, comecei a encontral-a com frequencia nos theatros, nos chás, nos "salons".

(*Continúa na pag. seguinte*)

A ADIVINHA

— COM quem estiveste? — Que fizeste? De onde vens?

Segundo costume inveterado o senhor Carterón interrogava sua mulher. Elle tinha pouca altura, a cabeça grossa, os olhos esphericos os labios grossos, os dentes desbotados. Noemi sua esposa, era alta e plastica, agradavel e suave. Geralmente enumerava, satisfeita, os seus passeios e suas visitas. Quando hesitava entre suas recordações, bastava estimulála com um agudo "E depois?" para que a memoria lhe voltasse immediatamente.

Mas, naquelle dia, Noemi não lhe dizia tudo evidentemente. Sua perturbação seu embaraço não escapavam ao olhar incisivo do marido. Oh, nada podia occultar a Carterón! Em vão elle a ameaçava com exhortações imperiosas. As pestanas cahidas sobre suas faces afogueadas, Noemi continuava resistindo. Carterón teve que gritar, que amedrontála, que esgrimir até a ameaça de uma indignação. Cansada de resistir ella choramingou, humildemente:

— Pois bem: minha amiga, a senhora Hélion levou-me á casa de uma vidente, de uma mulher que lê na mão, na letra, em tudo. E essa mulher me disse coisas... que me deixaram perplexa assustada

— Que te disse ella?

Noemi parecia resolvida á confissão:

— Imagina que essa mulher é de uma lucidez impressionante. Por exemplo: conheceu-te a ti como si já te houvesse visto.

— A mim?

— Sim. Disse-me que eu era casada com um homem moreno, esbelto de rosto energico...

— Pss! Deve ter visto meu retrato.

— Em absoluto. E accrescentou que eras intelligente, audaz... que tinhas um futuro magnifico.

— Póde muito bem ter obtido informações em meus escriptorios.

— Oh! Nem siquer sabia de meu nome!...

Carterón deve ter ficado convencido de que aquella mulher era com effeito, extraordinaria. Mas dissimulou sua convicção, e proseguiu, em tom de troça:

— E foi isso o que te deixou perplexa e assustada?

Noemi negou com a cabeça e tornou a emmudecer. Novamente teve elle que torturála. Mettida numa cadeira,

Mlle. Pitigrilli, Patou & Cia.

(Conclusão)

E, fatalmente, o que tinha de acontecer, aconteceu. Apaixonei-me. Mas, a minha paixão não era uma paixão normal... Póde rir, á vontade, do meu paradoxo. Havia nella qualquer coisa de perversão, talvez simples curiosidade sexual. Um dia, não podendo mais conter-me, confessei-lhe o ardor da minha paixão, commettendo, como um collegial, todos os logares-communs das declarações. E, num "vieux jeu", falei-lhe na aventura de irmos os dois para uma grande viagem através do velho mundo... E disse-lhe das bellezas das montanhas e dos lagos da Suissa, do romantismo dos velhos castellos á margem do Rheno, do ineditismo das paizagens gélidas do Norte... Creio mesmo que lhe cheguei a falar

De Michel Corday

ella cobria o rosto com as mãos. Seus cabellos e seus hombros eram sacudidos pelos soluços. Mas ninguem era capaz de resistir a Carterón. Noemi balbuciou:

— A vidente disse-me que eu não tardaria em... em...

— Em que?

— Em enviuvar.

•

CARTERÓN recebeu o golpe em pleno coração. Enviuvar! A vidente, que em puridade de verdade se mostrára lúcida, o condemnava á morte... Sentiu-se petrificado. Viu-se extendido rigido, pallido, augusto sob as lagrimas e os gemidos da inconsolavel Noemi.

E bruscamente o instincto, o divino instincto que o perigo desperta mostrou-lhe a salvação: divorciar-se *e fazer com que Noemi se casasse de novo*. Assim a predicção se cumpria a expensas de outro homem.

Immediatamente escolheu seu substituto: René Bidot, o fiel René Bidot. Aquelle athleta bonachão facilmente se deixaria manobrar. Carterón sorriu ao pensamento de deixar-lhe o logar. Aquelle colosso inspirava-lhe um odio intimo, irresistivel. Não é que tivesse ciume: ninguem era capaz de enganar a Carterón. Mas a estatura de seu camarada, seu corpo herculeo, sua vitalidade toda a sua silhueta de gigante moderno lhe inspirava a invencivel repulsa dos fracos pelos fortes.

Além disso, não se permittia aquelle barbaro desaproval-o, ás vezes? Oh! Desaprovava-o silenciosamente. Apenas! Ninguem era capaz de dar lições a Carterón. Mas quando elle devia ser energico e rude com sua mulher, lia, nos olhos azúes de René, uma censura triste e doce, que tinha o poder de exasperal-o.

Ah, naturalmente! Não perderia a occasião que a sorte lhe offerecia de satisfazer a seus rancores, ao mesmo tempo que salvava sua vida.

Essa deliberação não duráre mais de cinco segundos. Disposto já a seguir seu plano exclamou:

— Que absurdo! Toda essa historia é rigorosamente absurda. Vamos, vamos! Não pensemos mais nisso... Estás ouvindo, Noemi? Não pensemos mais nisso!...

•

(*Cont. na pag. seguinte*)

---

num suave refugio á beira de um lago italiano, com visiveis allusões a Alfred de Musset e George Sand... Sei lá! Eu delirava. Ella ouvia-me, sorridente, com uma expressão quasi feliz nos olhos que se esqueceram de mentir. Pois bem. Quando eu acabei, Mlle. Pitigrilli, a erudita, a emancipada, a original, a que discute, com uma segurança convincente, as theorias marxistas e o pansexualismo; a que alardeia, com uma desenvoltura escandalosa, a sua moral de "après-guerre" e os seus vicios; a que colleciona emoções raras, com a mesma naturalidade com que nós colleccionamos flôres séccas ou borboletas mortas, como si fosse a consequencia logica de tudo isso, fez-me esta pergunta burgueza, ridicula, espantosa!

— Então, quando nos casamos?

S. Paulo.

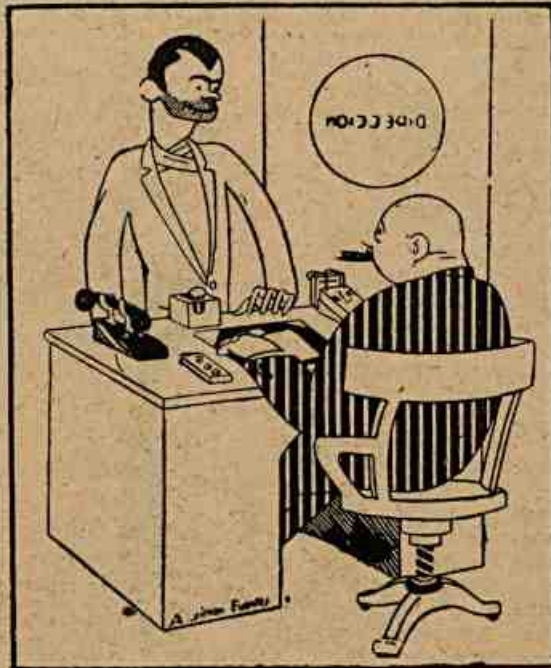
A ADIVINHA

(Conclusão)

ELLE por sua vez, não deixava de pensar nisso. Já executando seu plano com uma prudencia felina. Ah, o trabalho árduo, delicado, exigia uma mão endiabradamente esperta!

Pensem um momento!... Antes de tudo, devia convencer a Noemi que a prophecia da pytonisa era estúpida, inconsistente. Devia, igualmente, apagar de seu espirito todos os signaes do vaticinio, abster-se em todo momento de despertar suas recordações e de fazer nascer suas suspeitas. Devia persuadil-a — affirmação insensata! — de que elle não era, decididamente, o homem que lhe convinha. Devia ir afastando-a pouco a pouco de si, provocar paulatinamente seu desinteresse. E ninguem sentia desinteresse tão facilmente por Carteróu!... Devia, por ultimo, impellil-a insensivelmente para o outro, dar-lhe a certeza —affirmação ainda mais insensata! — de que a felicidade a aguardava entre os braços daquelle energúmeno.

Felizmente, desde dez annos passados, Carteróu havia habituado sua costella á obediencia muda, submettendo-a sabiamente — em sua opinião — á mais estricta passivamente.

E era tal a pujança de seu genio, que, através de todos os obstaculos conseguiu o objectivo desejado. Em varios mezes soube preparar um pequeno divorcio, e sahir da aventura com a fronte alta, intacto. Porque ninguem podia imaginar ridiculo Carteróu...

— Para esta vaga necessito de uma pessôa de conducta irreprehensivel.
— Então póde aceitar-me, senhor. Basta dizer-lhe que fui perdoado em seis annos, na minha pena, por bôa conducta no carcere.

OH! Qual não seria o espanto daquelle homem excepcional si, no dia seguinte ao do divorcio, pudesse ver e ouvir uma Noemi inaudita, apaixonada, maliciosa, sentada nos joelhos enormes de seu futuro marido, René dot...

Ella cingira-lhe o pescoço com os braços, e acariciando-lhe os cabellos com sua mão livre, dizia-lhe:

— Ah, querido!... Si não fosse tu, que tivesse essa idéa estupenda!... Já sabes que esse monstro nunca teria consentido em devolver-me a liberdade, que nunca me permittiria que refizesse minha vida abertamente comtigo... E pensar que a bemdita vidente nunca existiu!...

— Helena, meu grande amor, poderemos, assim, envolver toda a nossa existencia n'um largo e prolongado abraço.
— E será sempre, sempre assim, Roberto?

— Por que te consomes a imaginar, horas a fio, coisas tetricas? Não vês que as tuas duvidas são injustificaveis e te fazem soffrer sem allivio?
— Não sei si são duvidas, Roberto... Sinto-me doente. Envelheço na primavera da vida.

— Mãe, mãesinha! Como é amarga a existencia! Roberto já não é o mesmo. Ama, ai de mim! outra mulher!
— Tolinha. Roberto não pensa sinão em ti. Olha, procura o Alonso da Pharmacia Lourdes e pede-lhe, da minha parte, o remedio de que sempre me vali nas horas de transe por que estás passando.

— Aqui tem o remedio. Sua Mãe, minha fregueza e das melhores, não passava dois mezes que não mandasse buscar um frasco do que ella dizia ser o "talisman da felicidade".

— Tenho-te, de novo, restituida aos meus braços: mais bella, mais seductora!
— Roberto, como sou feliz! A vida é um lindo sonho, depois que usei, a conselho de Mãesinha, a "A SAUDE DA MULHER".

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

CONCORRENCIA...

De Gabriel Tinmory

ERA possivel? Aquelle cavalheiro elegantissimo que perseguia impertinentemente uma dama de apparencia aristocratica era meu amigo Morville? Morville? Santo Deus! As voltas que o mundo dá! Si quinze dias antes eu vira Morville pouco menos que andrajoso, passeando seu desespero de fracassado pelas ruas do suburbio!

Quando a dama, certamente indignada pela côrte de Morville, atravessou resoluta a rua para alcançar o passeio defronte, corri para meu amigo:

— Morville!

— Olá, Sabatén!

— Mas...

E olhei meu amigo dos pés á cabeça.

— Felicito-te!... Recebeste alguma herança?

— Nada disso, nada disso. Já te expli...

E Morville se interrompeu para derramar uma phrase atrevidissima no ouvido de uma joven que, nesse momento, passou perto de nós. Sem se preoccupar com minha presença, elle se poz a andar junto á transeunte, metralhando-a com galanteios, até que a moça, envergonhada, adoptou o mesmo partido da dama aristocratica: atravessou a calçada e ganhou o passeio opposto.

Morville voltou para junto de mim. Eu ia formular um protesto por aquella falta de consideração para commigo, quando Morville me pediu:

— Vamos entrar neste café. Quero explicar-te...

Penetrámos no local, a essa hora repleto de pessôas. Installados deante de uma pequena mesa, ordenámos dois *cocktails* de *champagne*.

— Começa, homem — exigi. — Estou impaciente para saber a que se deve tua transformação. Vives de rendas?

— Não. Trabalho, como pudeste verificar.

— Hein? A unica coisa que verifiquei foi tua audácia!... Tu, um rapaz sério, romantico...

— Que queres, Sabatén?... A necessidade aguça o engenho... Mesmo que te estranhe, quando me viste na rua, eu estava trabalhando.

— Trabalhando?! — escandalizei-me. — E chamas trabalho a isso?

Morville sorriu:

— Sou empregado da grande loja "Aphrodite".

— A que vemos daqui, no quarteirão fronteiro?

— Sim. Por isso te digo que me surprehendeste trabalhando. Opéro por conta da grande loja "Aphrodite"... Sim, homem. E não faças essa cara de estúpido. Ainda não comprehendes de que se trata? A loja tem empregados no interior, do estabelecimento, bem se vê. Mas tambem tem um empregado no passeio fronteiro.

Eu fiquei tonto. Morville accendeu um charuto, e continuou:

— Quando eu precisava de dinheiro, passava os dias inteiros vagando pelas ruas. Para distrahir-me, seguia as mulheres, murmurando-lhes phrases ao ouvido. Essa vagabundagem permittiu-me descobrir uma lei psychologica que me propuz explorar. A lei é esta: *Toda mulher incommodada por um homem passa para o passeio opposto*. Comprehendi immediatamente que essa lei facilitava um

(Continúa na pag. seguinte)

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA
SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS
MIDY

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Concorrencia...

(Conclusão)

systema engenhoso para obrigar as mulheres a passar por determinadas vitrines. Expuz minha idéa ao director da grande loja "Aphrodite". A principio, o homem vacillou, achando que minha idéa era um tanto escabrosa. Mas seus escrupulos não duraram muito tempo. O director temeu que eu offerecesse meus serviços á loja "Ultra-Moderna", installada no quarteirão opposto e seria concorrente da grande loja "Aphrodite". E entrei em funcções. Eis tudo.

— Mas, afinal, qual é seu processo?

— Muito simples. Fico no passeio impar, pois nossa loja está no passeio par. Olho as mulheres. Quando vejo chegar uma *candidata*, procuro evitar que ella continúe andando pelo passeio impar. Um requebro qualquer de meu repertorio basta para que a mulher mais serena se sinta desconcertada. Um segundo, um terceiro galanteio, e o triumpho é completo. A mulher atravessa a rua! Eu a sigo. E quando nos encontramos no passeio da grande loja "Aphrodite", a transeunte procura refugio. A grande loja "Aphrodite" é o refugio ideal! Si a dama incommodada é uma mulher séria, entra para ver-se livre de mim. Si pertence á outra categoria, tambem entra com a esperança de que eu pague suas compras. A casa paga-me uma bôa commissão sobre as vendas...

— Admiravel! — commentei. — Isso, sem ter em conta que tua profissão significa... uma grande vantagem em outro sentido.

— Não, não! Sou um homem sério. Nada de aventuras. Si eu me deixar seduzir pelas possiveis vantagens dessa natureza, adeus, negocio!... Mas o tempo vôa. Desculpe-me. Tenho que voltar ao trabalho.

— Havemos de ver-nos com frequencia. Quasi todos os dias passo por aqui.

* * *

No dia seguinte, não encontrei Morville em seu posto. E não o vi tambem em nenhum dos meus passeios pelo aristocratico *boulevard*. Uma noite, por fim, dei com elle em uma esquina. Mas... era possivel? Morville?... Esse homem melancolico, claudicante, era o elegantissimo Morville do *Boulevard Haussmann*?

— Morville! Que... que te succedeu?

— Nada...

— Como, nada?

E reparei, então, na tremenda cicatriz que marcava sua face esquerda.

— Soffreste algum accidente?... Fala, homem, fala!

Morville fez um gesto de decepção:

— Effeitos da concorrencia. Sabéis.

— Da concorrencia? Não entendo. Supponho que o dono da loja "Ultra-Moderna" não terá sido tão barbaro que...

— O dono da loja "Ultra-Moderna" adivinhou meu jogo. E então..

— Inaugurou um serviço identico!

— Não. Occorreu-lhe coisa melhor. Inteirado dos óptimos beneficios que meu methodo assegurava á loja "Aphrodite", recrutou um exercito de athletas...

— De athletas?...

— Sim, homem! E não me interrompas!... Aquelles athletas se constituiram em paladinos das damas a quem eu incommodava. Quando eu murmurava qualquer coisa a alguma transeunte, apparecia um hercules que me ameaçava ferozmente: "Com que direito segue essa senhora? Insolente! Retire-se!..." Eu, como é natural, me defendia. A *candidata*, para não se vêr envolvida em um escandalo, apressava o passo sem atravessar a rua... e entrava na loja "Ultra-Moderna"!... Cansado, e vendo que o negocio ia de mal a peor, eu quiz rebellar-me... Ah!... Quando me lembro!... Dispensa-me a narrativa da scena... Eram cinco, entendes? Cinco pugilistas!... Eu não havia terminado a phrase "E que tem o senhor com isso?", articulada como protesto contra a intervenção de um delles, quando os outros quatro accorreram, pressurosos... Imagina um *lulu* da Pomerania assaltado por cinco *bull-dogs*... Meu Deus!... Esta cicatriz que me vês no rosto não é nada... Si pudesses ver-me a cabeça!... Parece, sabes que?..., parece uma dessas almofadas que as mulheres pregaram com pedacinhos de fazenda!... No hospital, os médicos me operaram durante tres horas! Mas, olha, homem... olha!

Tirou o chapéo.

Sua cabeça, raspada, era, com effeito, uma almofada fantastica, feita com retalhos de todos os tamanhos, de todas as fórmas. Com retalhos cujas côres eram um verdadeiro mostruario de loja...

Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Canças, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

O DESTINO

De Beatriz Costa Amaral

FAZ hoje dois annos que me casei com o Alvaro: dois annos de felicidade, de felicidade, conquistada após muitas vicissitudes e desillusões...

Lembro-me do dia que papae foi ao collegio interno dizer-me: "Laurinha, o compadre Oswaldo pediu-me consentisse que o filho se case comtigo antes de partir para Nova-York, onde irá estudar engenharia, e eu concordei. No mesmo dia do teu casamento, que se realizará daqui a um mez, tu voltarás para o internato, afim de concluir teu curso, e Alvaro embarcará. Depois que elle se formar, irás para a sua companhia."

Foi assim que aos quatorze annos me casaram com um estouvado rapazola de dezoito. O padrinho Oswaldo, desejando muito que o filho me desposasse, e temendo que elle, indo solteiro para os Estados Unidos, se consorciasse com alguma americana, resolvêra apressar o nosso casamento.

Em Nova-York, Alvaro continuou na vida alegre de orgias que levava em Recife, e quasi não estudava. Dois mezes depois de lá ter chegado, fez um escandalo num *cabaret*, por causa duma actriz, e passou trez dias na cadeia. Um anno mais tarde, fugiu com a mulher do dono do hotel onde estava hospedado e foi gravemente ferido a bala pelo marido da joven.

Papae, quando soube das estroinices do Alvaro, annullou o nosso casamento. O padrinho Oswaldo, que já andava muito doente do coração, ficou tão acabrunhado com o máu procedimento do filho, que teve uma syncope cardiaca e morreu. Eu, que não amava meu ex-marido, continuei no collegio interno, despreoccupada e feliz no meio das minhas alegres colleguinhas.

Decorridos trez annos, terminei meu curso e fui para a companhia do meu querido papae. Mas, dez mezes depois, elle se suicidou com um tiro na cabeça, por ter fallido a sua grande casa commercial.

Fiquei sem recursos e fui obrigada a trabalhar para me manter. Empreguei-me como preceptora de duas meninas filhas dum casal riquissimo. Com essa familia embarquei para o Rio. Um anno após lá ter chegado, ella foi residir em Paris e eu entrei como enfermeira no sanatorio para tuberculosos de Corrêas, em Petropolis.

Tornei-me logo muito amiga duma das doentes. Um domingo, quando o marido foi visitál-a, chamou-me para m'o apresentar. Tive uma grande surpreza ao vêl-o: era o Alvaro. Elle aproveitou um momento em que a mulher foi ao quarto, buscar uns retratos, para me dizer: "Finge que não me conheces. Margarida acha-se gravemente doente, desenganada pelos medicos, e, si souber que és minha ex-esposa, poderá ficar enciumada e soffrer muito pensando que estou esperando a sua morte para me casar de novo comtigo."

A doente gostava immensamente de mim e, nas minhas horas de folga, chamava-me para conversarmos. Falava-me muito dos filhos, dois lindos gemeosinhos de dois annos.

Uma occasião, fez-me jurar que, após a sua morte, eu tomaria conta das creanças. Pediu tambem ao marido para m'as entregar.

Um anno depois, Margarida morreu, e eu deixei o sanatorio e fui morar com os pequerruchos, numa casinha que comprára com oito contos que conseguira economizar. Alvaro dava-me quinhentos mil reis por mez para a manutenção das creanças. Arranjei algumas alumnas de inglez e pintura que me pagavam bastante. Vivia tranquillamente com os dois adoraveis gemeosinhos.

Uma tarde, estava eu sentada debaixo do florido caramanchão que havia no jardim de minha casinha, contando historias aos intelligentes meninos, quando Alvaro chegou. Acariciou os filhos, cumprimentou-me e disse-me: "Laurinha, amo-te muito, e vim hoje pedir-te que sejas a mãesinha do Paulo e do Fernando; vim implorar-te que te casas commigo. Queres, minha doce e meiga companheirinha de infancia?"

Eu, que já o amava loucamente, respondi que sim.

Considero-me uma das mais felizes mulheres do mundo: Alvaro é um marido exemplar e um pae carinhosissimo. Pela janella do meu quarto vejo-o no jardim com o nosso primogenito nos braços, a passear com o Paulo e o Fernando. Os gemeosinhos tagarelam e elle os escuta sorrindo. Como sou feliz! A melhor felicidade é aquella que obtemos depois de termos pensado nunca poder possuir nenhuma, depois de só termos esperado da vida dias tristes e monótonos...

Alexandre Brailowsky, o grande poeta do teclado, um dos maiores pianistas contemporaneos, que estreou com êxito excepcional no theatro Municipal em a noite de 17 de maio.

NOTAS DE ARTE

COMPANHIA BRASILEIRA DE ESPECTACULOS MUSICADOS — No Theatro João Caetano, em a noite de 6 de maio, estreou a Comp. Br. de Esp. Mus., do empresário Nicolino Viggiani, com *Kelani* (A dama da lua), opereta em 2 actos e 16 quadros, letra dos escriptores Oduvaldo Vianna e Affonso Schmidt e musica do maestro Nicolino Milano e Antonio Lago, a qual vae sendo repetida em sessões duplas todas as noites. Por involuntário motivo não comparecemos á estréa, de sorte que dizemos da opereta segundo a representação assistida na 1ª sessão de jovedia, 5ª-f., 11 de maio.

Arte ligeira, mas arte graciosa e interessante, *Kelani* pode figurar sem favor entre as melhores obras do genero. A opereta brasileira idealizada em musica e poesia é um episodio tragi-comico da vida contemporânea. Devido a desarranjo do motor, cae numa ilha habitada por selvagens, a Ilha do Paraiso, um aeroplano conduzindo o "rei da borracha" e a filha, a "princeza" Anna Maria, a qual, por vir do espaço, cahir do céo, é cognominada pelos insulares Kelani, ou *A dama da lua*. Kartadira, o marajá da Ilha, apaixona-se pela princeza, que também não lhe fica indifferente, e quer retêl-a. Mas a rainha-mãe, sabendo do desastre por um radio apanhado ao acaso, manda buscar os sinistrados por uma esquadrilha de aviões. O marajá não se conforma e parte á procura da princeza. No "reino da borracha" consegue ser noivo incognito de Kelani. Mas, sciente de que só é amadh pela sua fortuna, recusa casar-se e volta á sua ilha. Lá recebe afinal a princeza que realmente o amava e se lhe torna afinal esposa.

Toda essa intriga amorosa e os episodios que a enfeitam constituem uma série de scenas muito communicativas, a que a musica dá especial encanto. Tiveram todas bella interpretação, destacando-se muito notadamente a voz e a arte de Margarida Max em Kelani, de Marcel Cláudio em Kartadira, de Sylvio Vieira em principe Eduardo, e a intensa comicidade de Affonso Stuart em Sagú, favorito do marajá.

Como arte pura, arte digna de figurar em outros palcos, é de justiça assignalar os bailados de Chinita Ullman.

Não esqueçamos que são do mais bello effeito os ricos scenarios e a rica indumentária. *Kelani* não é só bella pela musica e pela poesia, agrada e muito pela visão das luzes e das cores, que esmaltam todos os quadros, e pela contemplação da belleza feminina a ostentar-se em córos e bailados. E' um espectaculo que merece ser visto para encanto dos olhos e ouvidos e recreio do espirito, cansado de pensar...

(Continúa na pag. seguinte)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICA. — Domingo, 7 de maio, no Salão Leopoldo Miguez do I. N. M., realizou a As. B. M. o 2º concerto da série official com o seguinte programma, em commemoração do 1º centenario do nascimento de Brahms, constituido só por composições do mestre allemão: *Sonata*, op. 108, para violino e piano — pelo violinista Oscar Borgerth e pianista Iiara Gomes Grosso; os lides (*leader*): *Wie Melodien zieht es mir...* (Como as melodias me attrahem...), *Der Kirchoff* (No cemiterio), *Liebestreu* (Amor fiel), *Mainacht* (Noite de Maio) *Zigeunerlieder* (Canções ciganas), n. 1, 3, 5 e 6 — por Lúcia Schmitt Devora, acompanhada por Iiara Gomes Grosso; e o *Trio*, op. 40, para piano, violino e violoncello — por Iiara G. G., Oscar B. e Iberê G. G.

Embora não estejamos bem familiarizados com audições das musicas de Brahms, todavia parece-nos se lhe caracteriza o estylo por uma combinação dos que definem Beethoven e Schumann. Sem ter o mesmo grande valor de cada um desses mestres, especialmente o incomparavel genio do primeiro, lembra no emtanto o classicismo romantico de Beethoven e o romantismo classico de Schumann. E' o que se nos afigurou ouvindo a *Sonata* e os *Lides*. Pareceu-nos fidelissima a interpretação. Embora nem todas nos dessem bellas emoções, sentimol-as bastante intensas ouvindo o 3º tempo da *Sonata*, *Mainacht*, o n.º 3 de *Zigeunerlieder*, e o *Andante* e o *Adagio* do *Trio*.

Tanto Oscar Borgerth como a srta. Iiara Gomes Grosso e Iberê Gomes Grosso souberam imprimir notavel relevo a todas as peças. E a srta. Lúcia Schmitt Devora, bella voz de meio-soprano acontraltado — pois tem graves de verdadeiro contralto — causou-nos e no auditorio forte impressão.

ORCHESTRA VILLA LOBOS. — Terceiro de assignatura, teve lugar na tarde de 13 de maio, no T. M., mais um concerto da Orchestra Villa Lobos sob a regencia do maestro patricio e com o concurso do notavel tenor russo, dr. Albert Rappáport — ao mesmo tempo cantor e medico. Foram ouvidos os seguintes numeros: BEETHOVEN — *Abertura* da op. "Rei Estevam"; MOZART — *Il mio tesoro* (aria da op. "D. Juan"), e *Alleluia* (*Motteto*); Coppola — *Canto Elegiaco*; TSHAIKOWSKY — *Noite de Insomnia*; KOENNEMANN — *O barqueiro do Volga*; VILLA LOBOS — *Amazonas* (poema symphonico e bailado); WAGNER — *Abertura* da op. "Mestres Cantores".

De todos os numeros executados e dirigidos com mestria, houve alguns que mais chamaram a attenção, que mais applausos provocaram: o *Canto Elegiaco* de Coppola e o *Amazonas* de Villa Lobos, ambos producções mais ou menos modernistas, caracterizadas pela singularidade e ás vezes extravagancia dos effeitos sonoros, mas onde ha tambem bellezas reveladoras do talento e do saber dos compositores. E' de notar-se o poema symphonico cheio de rythmos primitivos, tumultuario e selvagem, com que Villa Lobos musicalizou uma lenda do Rio-Mar. O autor foi alvo de repetidos chamados e incessantes palmas.

Mas o que mais agradou, o que agradou excepcionalmente, e foi applaudido sem que os applausos se pudessem attribuir a qualquer sympathia patriotica, foi o canto de Albert Rappáport, que, alem de bellas qualidades vocaes, patenteou invulgar arte de cantar. Se esta revelou em todos os numeros, mais e melhor o fez em *O barqueiro do Volga*, cuja interpretação nos pareceu verdadeira obra-prima. Abstrahindo-se da differença das vozes, Rappaport cantou a celebre canção tão bem ou quasi tão bem como o famoso Chaliapini. Esplendido! O auditorio saudou-o com demorada salva de palmas. Bravos se ouviram. Foi um delirio de applausos. Albert Rappaport justificou plenamente a fama de que veiu precedido.

BRAILOWSKY — Eis-nos arrebatados ao 7º céo da arte pianistica, ouvindo as sensacionaes interpretações de Alexandre Brailowsky. Sentimos de novo em 1933, no T. M., as incomparaveis emoções que experimentámos no T. Lyrico em 1927 e 1930. E' natural que o artista tenha progredido sempre, mas a verdade é que tanto hontem como hoje se nos afigura da mesma extraordinaria grandeza no poder de sentir e communicar o sentimento. Talvez só na technica se possa notar que o pianista de 1927 não era tão grande como o de 1933. No mais, é o mesmo de sempre: maior entre os maiores.

Ouvimol-o assim nos recitaes de 17 e 20 de maio, em que, alem de varios extra, entre os quaes uma *fileuse*

da sua autoria, tocou: I) Bach-Hummel — *Ouverture da Cantada n. 146*; Scarlatti — *Pastorale e Capricio*; Beethoven — *Sonata op. 27 (Ao Luar)*; Debussy — *La soirée dans Grenade*; Strawinsky — *Estudo em fá sustenido*; Szymanowski — *Estudo em si bemol*; Ravel — *Jeux d'eau*; Balakirew — *Islamey (Fantasia oriental)*; Chopin — *Polonaise em lá maior, Valsa em mi bemol, Nocturno em lá menor, Ballada em sol menor*; II) Schumann — *Fantasia em dó maior, op. 17*; Chopin — 12 Estudos op. 10 — ns. 3, 7, 8, 10, 12 op. 25 ns. — 1 a 3, 6, 7, 9 e 11; Liszt — *Estudo em fá menor, Um suspiro, Dança dos Gnomos, Rhapsodia Hungara, n. 2.*

Se Brailowski encontra quem o iguale ou mesmo o exceda na interpretação de modernos e modernistas, poucos se lhe equiparam na de classicos e romanticos. Prova exuberante do asserto, foi tudo o que tocou de Bach, Scarlatti, Beethoven, Schumann, Liszt e Chopin. Desde a maravilhosa nitidez com que esculpiu todo o fendilhado sonoro da *Pastoral* de Scarlatti, até a grandeza epico-lyrica com que seus dedos cantaram a *Rhapsodia* de Liszt, passando por esses grandes pequenos poemas que são os *Estudos* de Chopin, dedilhados, vividos com inexcedivel perfeição — tudo foram primores de belleza. Se se quizesse distinguir entre tantas bellezas a belleza mais bella, assignalariamos como obras-primas entre as obras primas: a *Pastoral* de Scarlatti, os tres *Estudos* de Chopin — op. 25 n. 2 (Chromatico), op. 25 n. 9 (Borboleta) e op. 10 n. 12 (Revolucionario), e a *Rhapsodia* de Liszt.

O T. M., sempre repleto de ouvintes, que teve enchente á cunha no 2º recital, não se cansa de applaudir com o mais vivo enthusiasmo o genial pianista russo. Foram verdadeiras apotheoses para o artista, os dois recitaes de Brailowsky.

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA — JAYME COSTA. — Com *Dindinha*, peça de Matheus da Fontura, a C. D. B. J. C. realizou a 2ª rec. de assignatura no T. M. em a noite de 18 de maio e repetiu-a em dias subsequentes 2 ou 3 vezes. Assistimos á 1ª repetição em a noite de 20, e della vamos dizer.

Satira social a proposito da educação e dos costumes das moças de hoje, senão de todas, de grande numero, *Dindinha* é uma peça interessante, que não faz pensar mas faz rir. Mais farça do que comedia, idealiza a vida livre e futil de Leda, uma joven de 17 annos, que por ciume e por sport se faz noiva do dr. Claudio, um diplomata já maduro, que tentára, outr'ora, o que ella ignorava, conquistar a progenitora, Stella, agora viuva e cuja presença reaviva a paixão antiga tanto mais depressa quanto não havia amor entre Leda e Claudio. A Dindinha, senhora que creara a ambas, intervem na intriga, sabedora do affecto real entre Leda e Bobby, campeão de tennis e outros sports. Depois de alguns quiproquós e scenas hilariantes acabam todos casando: Leda e Bobby, Stella e Claudio.

Dindinha foi Italia Fausta. Encarnou com extrema naturalidade o papel. Foi bem a voz do *passado proximo* contra o *passado remoto*, que dá pelo nome de futurismo ou de modernismo, e que na questão feminina leva a esta aberração social — a masculinização da mulher...

Olga Navarro, que vimos pela primeira vez, em scena, agradou bastante nas duas figuras de Stella, a viuva passadista do 1º e a viuva modernista do 2º e 3º actos.

Armando Rosas bom Bobby. Jayme Costa bom e algumas vezes optimo Claudio.

Mas a impressão maior do espectaculo é a da figura esfusiante de Leda, representada, corporificada, vivida por Lygia Sarmento. Não houve um só momento em que se lhe descobrisse a propria através da personalidade que encarnava. Sentia-se que era realmente Leda e não Lygia que estava em scena. Devia chamar-se *Leda* e não *Dindinha*, a comedia de Matheus da Fontura.

Oscar d'Alva

P. S. — A todos os que nos fazem consultas, solicitando respostas por esta secção, pedimos, nos desculpem não attendel-os, por falta absoluta de espaço. Se quizerem ser attendidos, sêl-o-ão por carta particular, desde que conheçamos a identidade dos consulentes.

O. d'A.

CÊDO DEMAIS...

JACIRO era menino correcto. Sério, generoso, amigo de todos os collegas do internato, nenhum tinha outra expressão para se lhe referir sinão esta: "Jaciro é uma pérola".

Minda era alumna de um externato e menina de bom juizo.

Fôra constantemente perseguida pelo estudante; obtivéra óptimas informações sôbre o comportamento dêlle e acabára por lhe prestar attenção.

Recebêra parabens das companheiras quando descobriram ser Minda apreciada por Jaciro. Parecia ter nascido um para o outro: Minda, menina bôa mesmo, ajuizada, um mimo; Jaciro, menino intelligente, criterioso, um bom.

Entendia a mãe de Minda que a mulher devia casar antes da maioridade e dava lá as suas razões. A' vista disso, resolvêra a menina communicar-lhe:

— Sabes, mamãe: andava um rapaz do internato acompanhando-me até o collegio. Nem sei como conseguia elle, á hora certa e todos os dias, acompanhar-me de longe. Indaguei do irmão de uma collega e obtive óptimas informações acêrca do rapaz. Indaguei posteriormente de outras pessôas, até de um professor do gymnasio, e foram todas unanimes em me dar os melhores informes. Em vista disso, resolvi aconselhar-me com a senhora.

— Nunca te disse nada?

— Não, senhora. Guarda distancia. A coisa não tem passado disto: cumprimenta-me alegre; correspondo-lhe sêcamente os saudares.

— Está bem. Quero conhecêl-o.

— E' muito sympathico. Quero já bem a elle, mas tinha receios. Neste Rio ha cada coisa, que faz a gente ter receio de tudo...

— E' natural. Corresponde-lhe agora os cumprimentos com mais alegria.

— Sim, senhora.

A vez primeira que se encontrou de novo com Jaciro, sorriu... E nem foi preciso mais nada: o rapaz parou e estendeu-lhe a mão. Conversaram durante quinze minutos. Ella offereceu-lhe a residencia:

— Appareça lá em casa.

— Como? E tua mãe não se zanga?

— Não. Quero apresentar-te a ella. Direi que me foste apresentado pelo irmão de uma collega.

— E teu pae?

— Mamãe é viúva. Vive dos rendimentos. Não somos ricas, mas temos com que ir vivendo.

— Bem. Só aos domingos posso ir até lá.

— Melhor ainda. Iremos ao cinema juntos...

Sorrira sem vontade o rapaz. Minda desconfiára...

— Não te assustes... Mamãe paga tudo!

E o rapaz com fumaças de homem feito:

Não admitto! Onde ha um cavalheiro, as senhoras não têm o direito de pagar nem a sua parte da despeza. Não admitto!

— Quando falares com mamãe, perderás essas preoccupações. Ella é muito bôa. Dir-te-á certamente que somos meninos e não poderás ter ainda esse orgulho dos homens.

Sorria de novo o rapaz e ficára mais conforme.

No proximo domingo fôra á casa da predilecta.

Minda apresentára-o á mãe della. A senhora sympathizára com Jaciro. Offerecêra-lhe a casa. Podia êlle vir todos os domingos para passearem juntos. Podia vir jantar. Seria melhor. Não tinha familia no Rio e, em vez de andar por ahi trocando pernas, estaria naquella casa amiga que era então um prolongamneto da sua. Não fizesse cerimônia...

Jaciro acceitára o offerecimento e todos os domingos e dias feriados ia á casa de Minda.

Trez annos após, pedira a mão desta em casamento. Era ainda estudante, mas fôra-lhe satisfeito o pedido.

Mudára-se para a casa da noiva. A viúva permittira-o, por ser economico para êlle e por lhe facilizar a vida com mais facilidade.

De Hormino Lyra

Minda não estaria muito de accôrdo com tudo isso, mas fôra a mãe com o noivo quem resolvêra o assumpto, e não quizéra contrariar um nem outro.

Minda era bastante criteriosa e um dia amanhecêra chorando.

O noivo já não a tratava com a amabilidade e cerimônia de outróra. Parecia certos maridos que, passado o anno de noivos, ficam indifferentes e olham a espôsa com a insensibilidade com que vêem um traste, qualquer utensilio de casa.

Para Jaciro tinha só valimento o mystério; o que lhe ficava accessivel perdia o mérito.

O gênero humano é quasi todo assim.

Minda era quasi uma criança e não podia prever tudo; a mãe não era nenhuma criança mas fôra imprevidente e não enxergava um palmo adeante do nariz!

Gostava já de outra menos rica e mais melindrosa, menos bonita e mais elegante, muito futil e affectada no falar.

Quem? perguntareis, leitor amigo.

Jaciro, que enjoou a noiva!

Nesse meio tempo, conseguira empregar-se no Banco do Brasil, por meio de concurso, e pouco parava em casa.

Conseguira depois transferencia com vantagens pecuniarias para uma agencia no Estado de São Paulo. De lá não déra noticias a Minda.

Poucos mezes após isso, noticiavam os jornaes do Rio o casamento dêlle com a outra.

A mãe de Minda deitára a culpa a si propria. A pensar no futuro da senhorita, lembrava-se do dito popular, que passára a proverbio — *a quem madruga Deus ajuda*, mas, por fim, no caso presente achava com justa razão haver a filha madrugado cêdo demais...

ATKINSON

É A PERFUMARIA

DA

ALTA SOCIEDADE

ROYAL BRIAR

A SERIE DE OURO DAS PESSOAS ELEGANTES

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Pó de Arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR — Perfume

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 21

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1933

« ELLAS » . . .

SEJA por sympathia ou pelo simples prazer de contrariar o alinhavador desta chroniqueta, o certo é que tenho recebido uma série de cartas, a proposito da minha pagina, publicada no FON-FON, sob o titulo innocente — "As mulheres são sempre as mesmas".

A maioria das epistolas vem firmada por nomes femininos: Helena, Doris, Melindrosa... E outros mais...

Quasi todas contestam irritadas o parallelo em que as colloquei. E quasi todas insistem em argumentos que não passam — uns de ataques directos á minha pessôa, outros, generalizando a questão. Isto é, de ataque ao sexo a que me orgulho de pertencer.

Querendo justificar a actuação da mulher na sociedade, nas artes, nas letras e no amôr, citam nomes illustres, que apparecem engrandecidos na Historia, na lenda e no romance, com a aureola do sacrificio, do heroismo, da diffamação e da injustiça dos homens.

As que figuram no primeiro caso são as Soror Marianna, as Heloysa de Abelardo, as Ophelia de Shakespeare, e outras cujos nomes são repetidos em duas outras missivas — como si as suas autoras estivessem em um severo concurso literario... As que surgem com a corôa do heroismo, são as Jeanne d'Arc e outras com escala pela grande Annita Garibaldi...

Vêm as da diffamação: Lucrecia Borgia, Catharina de Médices, Mata Hári — sendo que esta nossa contemporanea. As que são tidas como victimas da injustiça dos homens comprehendem a classe das mulheres que amam e a tudo renunciam por amôr...

Viram? E' edificante! E chega a ser engraçado...

Essas deliciosas missivistas esquecem que argumentam com as excepções que conhecem. E, si a coisa é assim, é claro que posso provar, tambem, com excepções magnificas, que ha uma multidão de creaturas, apparentemente gentís, amaveis, caridosas, capazes de sacrificio e, que, no emtanto, fôram a ruina e a desgraça de muitos homens.

Exemplo: Manom Lescaut, Carmen de Bizet, Ninon de Lanclos, Margarida Gautier (a famosa *Dama das camelias...*) para não falar naquella infanta singular, do conto de Oscar Wilde, a qual, ao saber que o bôbo da sua côrte estourára de paixão, pelos seus bellos olhos, ordenára, risonha: "De outra vez, tragam um palhaço que não tenha coração"!...

Esquecem ainda o que disse um notavel dramaturgo francez, creio que Pierre Wolff: — a mulher ideal é a que dá seu coração, sem indagar o que ha de receber em troca.

Isso é o que ellas não dizem, não pensam e não sentem, ao escrever. Mas, argumentando contra a logica, sophismando, fazendo litteratura, e identificando-se no egoismo, nos embustes e interesses de ordem pessoal, ellas se assemelham, de modo impressionante, e provam, mais uma vez, que eu é que estou com a razão, quando asseguro, categorico: "as mulheres são sempre as mesmas..."

Bastos Portela

ARTIFICIOS E FELICIDADES

A dias, numa roda, onde se achavam varias senhoras e cavalheiros, alguem censurou um escriptor, presente, no momento, pela sua preoccupação com certas futilidades.

Por exemplo: o intellectual, em materia de indumentaria, é de uma exigencia irritante.

Si o alfaiate lhe esquece um simples botão no casaco, uma préga, um detalhe minimo do colette, eil-o enfurecido, a discutir o prejuizo causado á integridade da sua elegancia.

Uma senhora adiposa, myope e biliosa, assestou o *lorgnon* para o censor, e reforçou o ataque:

— Conheço o Dr. X., e sei que elle é mesmo um "almofadinha" impenitente...

E sentenciosa:

— O homem deve ser simples, despreoccupado de futilidades de tal ordem. Deixemos esses cuidados aos Brummel, aos profissionaes da elegancia como os Fouquiéres, os Menjou e outros.

Uma senhorita espevitada, *modern girl*, confessou a sua predilecção pelos typos "sportman". Gostava dessa elegancia "laissez-aller" dos moços que jogam foot-ball.

SOCIEDADE

Senhorita Maria Augusta de Alcantara, distincto elemento da sociedade do Ceará.

(Galeria Irmãos De los Rios).

* * *

Uma outra, melindrosa futurista, que acceita tudo quanto é extravagancia, fez notar que gostava dos homens vesgos, mas que vestissem com apuro e trouxessem luvas côr de pinhão, no inverno. (Entre parenthesis: é claro que ninguem a levou a sério).

Mesmo assim houve bôas risadas pela *blague*...

O ambiente estava animadissimo.

E foi nessa altura que um poeta, conhecido e festejado nos meios mundanos da cidade, tomou a defeza do escriptor accusado, argumentando deste modo:

— O homem por muito que se enfeite está sempre em plano inferior á mulher.

— Por que? — indaga uma matrona.

— E' simples.

E esclareceu:

— O homem é mais feio e menos elegante que a mulher, porque não usa *rouge*, nem pó, nem *batom*. As Evas o vencem muitas vezes, porque abusam desse privilegio. Na generalidade ellas são todas artificios. E é graças ás suas futilidades, a esses mil e um cuidados banaes, que se exprimem na selecção das côres e da fórma, que as damas das salas se tornam bellas. Retirem-lhe 90 % desse artificialismo, e vejam-na, ao despertar, manhã cedo, ou ao entrar para o banho, e logo se comprehenderá a razão e o valor dessas minudencias, dessas meticulosidades, desses artificios de "toilette", — quer masculina quer feminina.

Instinctivamente, e como que combinadas, todas as damas presentes abriram a bolsa, e retocaram a pintura do rosto. Os homens se limitaram a concertar o laço da gravata e a alisar o cabello...

E a palestra recahiu sobre futilidades differentes...

Yves

Lelita, Marili e Maria de Lourdes, filhinhas do Dr. Zozimo de Abreu

PAGINA INFANTIL

A galante Lia Alves Hahne.

♣ ♣ ♣

Francisco e Eduardo Frisone.

SUPREMAS ANGUSTIAS

PAULO GUSTAVO

(INÉDITO PARA "FON-FON")

— Sonhar!...

E tão depressa perceber
Que todo sonho é simples illusão.
Que a ventura, afinal, sempre ha de ser
Um arabesco da imaginação...

— Falar...

E com que dôr verificar
Que ninguem comprehendeu as suas phrases
E que as palavras se perderam no ar,
Como nuvens errantes e fugazes!...

— Cantar!...

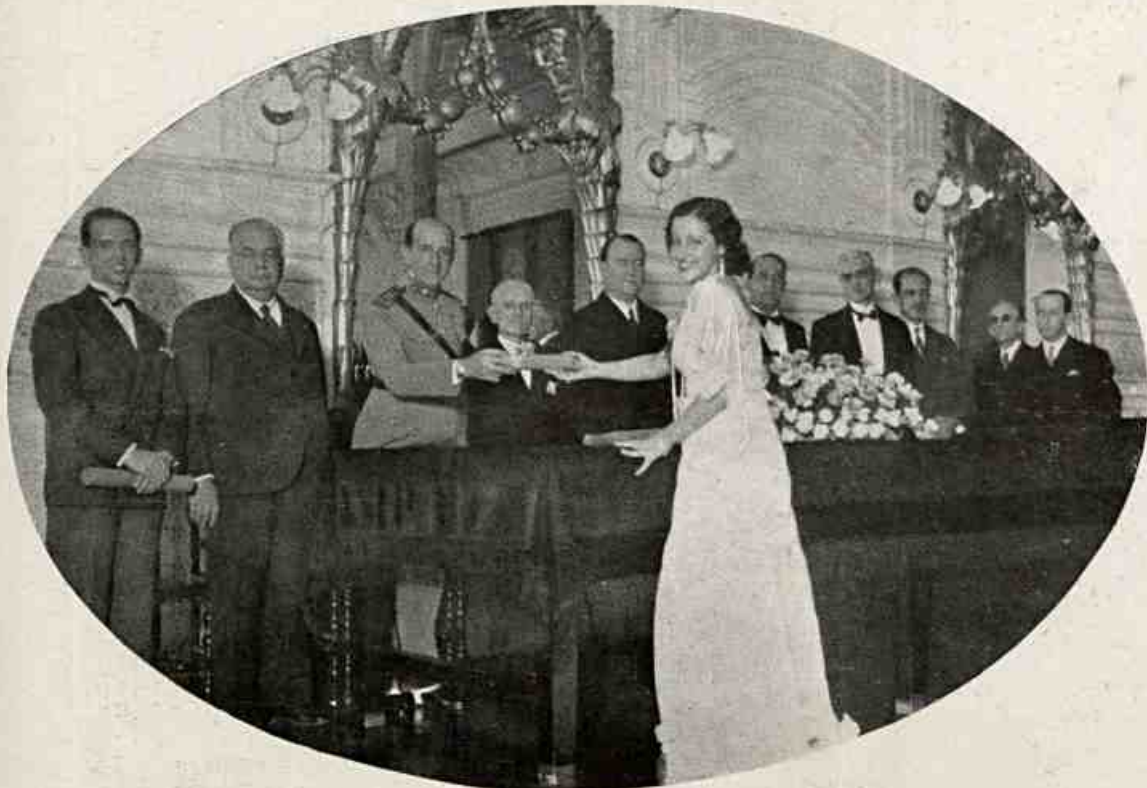
Dizer em verso esse tormento
De aspirar Perfeição, Luz e Belleza,
Para vêr desfolhar-se, num lamento,
Toda a alma, flôr de mágoa e de tristeza...

— Chorar!...

E com que angustia recordar
Que ninguem nunca o pranto lhe enxugou
E apenas o cansaço de penar
As lagrimas, um dia, lhe estâncou!...

— Amar!...

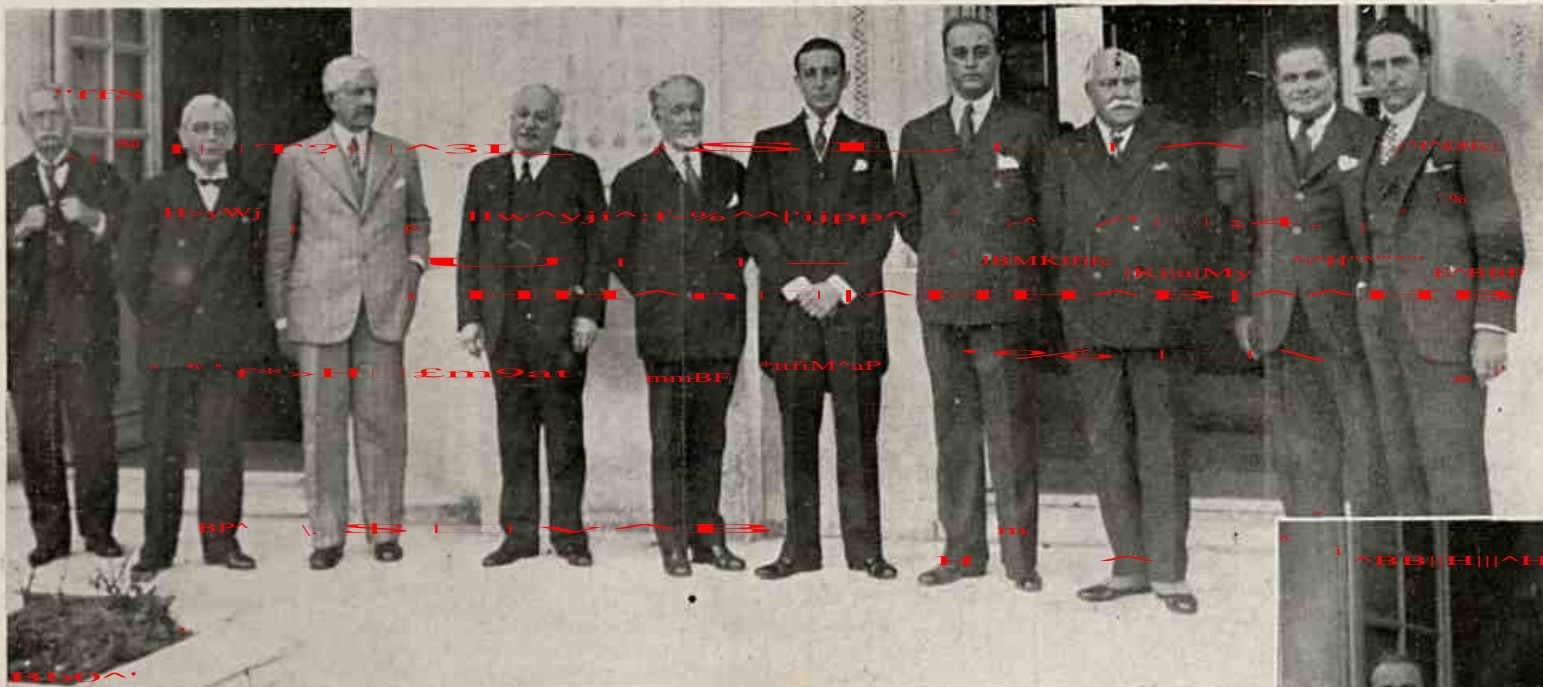
Querer alguem perdidamente,
Dar-lhe tudo — alma, corpo, coração —
E, ao vêr-se desprezado, finalmente,
Ter a certeza de que amou em vão!

(Do livro "Era uma vez uma illusão", a sahir).

O Centro Carioca, que congrega, no seu quadro social, varios filhos illustres da cidade do Rio de Janeiro, promoveu sabbado ultimo, no grande salão da Associação dos Empregados no Commercio, uma brilhante festa para solemnizar o acto da entrega dos «diplomas honorificos» recentemente concedidos pela assembléa geral da instituição. O «cliché» acima fixa um momento da cerimonia, que se realizou sob a presidencia do professor Benevenuto Berna, director principal do Centro Carioca.

OS AVIÕES DO CORREIO AEROPOSTALE

O avião semanal da Cia. Aeropostale chegará amanhã, sem atrazo, ao Rio, procedente de Natal e trazendo o correio da Europa, que será immediatamente distribuido. Conduz ainda varios passageiros para esta capital, Santos, Porto Alegre, Montevidéo, Buenos-Aires e Chile.

As malas postaes destinadas á Europa seguirão amanhã, domingo, sendo a correspondencia recebida só até ás 9 horas da manhã. Hoje, sabbado, o serviço de recebimento de correspondencia será encerrado ás 22 horas.

A ultima festa do Centro Carioca terminou com uma «soirée»-dançante que o «Grupo dos Guanabarenses», constituido de associados do mesmo Centro, offereceu á elegante sociedade que, na noite de sabbado, enchia o salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio.

O EMBAIXADOR NOBRE DE MELLO NA ACADEMIA BRASILEIRA

O dr. Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal e membro effectivo da Academia das Sciencias de Lisbôa, foi recebido, quinta-feira penultima, na Academia Brasileira de Letras, onde o saudou, em nome da illustre companhia, o seu presidente, dr. Gustavo Barroso, que proferiu notável oração realçando os méritos daquelle distincto diplomata e escriptor, figura destacada nos circulos culturaes da terra portugueza. Esta pagina focaliza dois aspectos da recepção do embaixador Martinho Nobre de Mello na Academia Brasileira de Letras, vendo-se o diplomata portuguez num grupo tomado no Petit Trianon, antes da solennidade da penultima quinta-feira, em companhia dos acadêmicos presentes, e, na outra photographia, ladeado pelo presidente e pelo secretario geral da Academia, drs. Gustavo Barroso e Olegario Marianno.

A VIVENDA DA FELICIDADE

No bairro luxuoso, de predios altos, de braços erguidos para o céo como numa supplica, ha uma casa pequena, a mais humilde e pobre entre todas, onde parece que reside a felicidade. Todo mundo que passa pela casa escondida entre galhos de arvores frondosas sente-se alegre, perde o máo humor que ás vezes traz... Hoje passei á porta da casa branca onde parece que reside a felicidade, onde ha canteiros verdes, gafanhotos saltando de um lado para outro, num malabarismo sadio, sobre a relva do jardim silencioso e florido... O sol puro escorria, como um vinho loiro, sobre tudo. As vidraças phosphoresciam sob o ouro do sol tropicalesco que fazia bem a gente. As trepadeiras sonhavam que eram cortinas no portão. Muitos cravos, muitas rosas em derredor da casa, perfumando o ambiente. Um cão pelludo brincava de pegador com uma gatinha que não era borralheira. Parei em frente á casa. Estive longamente olhando. Senti vontade de rolar, de brincar como uma creança sobre a gramma verde dos canteiros floridos. Penetrei no jardim. A' entrada, encontrei um lindo lago que parecia de crystal, onde peixinhos vermelhos nadavam. Aproximei me. Mergulhei as mãos na agua transparente e clara do lago. Levei á bôcca um pouco d'agua na concha das mãos. Que agua bôa! Dir-se-ia um outro liquido mais puro... Depois, uma mulher fascinante chegou á janella. Encontrou-me naquelle encantamento. Surprehendeu-me deslumbrado. Houve silencio entre nós dois. Sahi... Andei pelo bairro todo. E não encontrei nenhum outro predio humilde e simples, que tivesse aquelle todo de felicidade. Todos sumptuosos, com desenhos curiosos nas paredes, coisas bizarras, mas abafados por uma aristocrática tristeza... A' noite, voltei novamente para embriagar os olhos na simplicidade linda da casa mais sympathica do bairro luxuoso. A lua era uma banhista dentro do lago cheio de peixes vermelhos. O canario ainda cantava o canto harmonioso e bom que me fez bem á alma. A casa parecia mais feliz na sua simplicidade nocturna... Sons lentos de piano. Uma mulher cantava a canção sublime da felicidade. Ouvindo a sua voz melodiosa, senti na alma a embriaguez de um sonho....

Então, convenci-me de que a vivenda branca, onde as trepadeiras sonham que são cortinas no portão, é a mais encantadora e attrahente do bairro, pois nella parece que vive, sonha e canta a felicidade..

Evagrio Rodrigues

NA ACADEMIA BRASILEIRA

A Academia Brasileira de Letras viveu uma grande noite de espiritualidade e emoção com a recepção de seu novo membro, sr. Alcântara Machado, realizada no ultimo sabbado.

Alcantara Machado, que succede, na illustre companhia, o saudoso poeta e philosopho Silva Ramos, e vae occupar a cadeira de Thomaz Antonio Gonzaga, foi recebido pelo seu collega Afranio Peixoto, cujo discurso de saudação ao novo academico empolgou a fina assistencia que enchia o salão de honra do Petit Trianon, e na qual se destacavam, entre outras personalidades, sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, e os representantes do chefe do governo provisorio e dos Ministros de Estado.

Tambem impressionou vivamente o discurso do sr. Alcantara Machado fazendo o elogio de Silva Ramos, cuja vida e cuja obra foram brilhantemente salientadas pela sensibilidade e cultura do illustre autor de Vida e morte do bandeirante, que, depois de focalizar os fulgores do espirito de seu antecessor e depois de exaltar, commovido, a sua terra paulista, grande entre as maiores, assim perorou:

"Cabe á Academia, que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionaes, o dever, de que jamais desertou, de apertar os elos de solidariedade, por uma comprehensão e um conhecimento mais perfeito, entre os brasileiros de todos os Estados.

"Tal o ensinamento opportuno da solennidade augusta, em que recebeis, pela voz amiga de um bahiano de Lençóes, para occupar a cadeira dignificada por um pernambucano do Recife, um paulista de Piracicaba.

"Assim entendido, o vosso gesto é daquelles que, na hora actual, sobresaltada pela conjuração de appetites impuros, odios absurdos e ideologias dementes, nos impõem a coragem de não descrer e nos dão o direito de não desesperar".

A recepção do sr. Alcantara Machado

Estão nesta pagina dois flagrantes da festa de sabbado, na Academia Brasileira de Letras. No alto, o sr. Alcantara Machado em companhia do cardeal d. Sebastião Leme, do dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira, do representante do chefe do governo provisorio e dos academicos presentes. Em baixo, o eminente escriptor paulista ao lado do sr. Afranio Peixoto.

O MENINO BÓDE

Occorrem de quando em vez por estes Brasis afóra prodigios verdadeiramente sensacionaes, que fariam um romano estremecer e empallidecer. Alguns téem sido citados como havendo annunciado factos graves de nossa vida publica já acontecidos. Elles, entretanto, não cessam. Continuam. E a mente dos supersticiosos naturalmente se enche de pavores.

No O Povo, combativo jornal de Fortaleza, a risonha e bella capital do Ceará, lemos ultimamente a seguinte espantosa noticia:

Certa manhã, surgiu na redacção daquelle orgão o trabalhador rural Francisco Pedro, residente no municipio de Canindé, no lugar chamado Rio do Batoque, contando que vinha a conselho de amigos mostrar aos medicos da cidade um menino de dois annos e mezes de idade, nascido a 3 de julho de 1930, seu filho e de sua mulher, Maria Ferreira da Cruz. O referido jornal accrescenta: "A criança é phenomenal: apresenta as costas inteiramente revestidas de pêllos caprinos, tendo em varias partes outras do corpo placas igualmente cobertas do mesmo pêllo. O sertanejo Francisco Pedro, pae do menino-bóde, é natural da serra de Baturité, tendo aos seis annos de idade se transferido para o municipio de Canindé, onde residiu até ha pouco, quando dalli emigrou tangido pela sêcca. Conta vinte e oito annos e tem apparencia robusta e sadia. Casou-se a 2 de outubro de 1926 com a sertaneja Maria Ferreira da Cruz, actualmente com 27 annos."

Claudio de Souza acaba de lançar mais um livro de aprimorado gosto literario, um livro delicioso para a sensibilidade romantica de todos os tempos: «Um romance antigo». Com a finura caracteristica de seus processos de escriptor e a belleza de um thema, que fez a legenda da mais linda e enternecedora historia de amôr, Claudio de Souza realizou um livro, que deve andar de mão em mão, entre os valores representativos do nosso mundo intellectual. «Um romance antigo» é obra de lavor literario e de sentimento romantico. Como tal, vive e viverá no carinho dos milhares de leitores do illustre academico, uma das figuras mais expressivas da moderna literatura brasileira.

De 1926 até hoje esse casal engendrou cinco filhos, dos quaes só quatro restam, sendo o menino-bóde o penultimo e o unico com anomalias. Os paes vivem da plantação de roçado e da criação de cabras. Dirão os scientistas que esse rebento sahiu assim pelas impressões do pêllo dos cabritos no sub-consciente da mãe delle quando pejada, observação velha como a Biblia, que nos diz ter Jacob conseguido ovelhas e cabras malhadas fazendo os rebanhos olhar caras cheias de manchas quando iam beber. Que dirão, porém, os sabedores das sciencias occultas? Que prophetizará o prodigio quanto á futura Constituinte?...

Veremos...

Naquelle Ceará apparece cada coisa!...

SÉSAMO

O dr. Júlio Roca, vice-presidente da Republica Argentina e chefe da embaixada especial que foi a Londres agradecer e retribuir a recente visita de sua alteza o principe de Galles ao paiz vizinho e amigo, regressando de sua alta missão diplomatica, teve occasião de desembarcar nesta capital e aqui permanecer 24 horas, tempo sufficiente para receber varias e expressivas demonstrações de apreço por parte do governo brasileiro e das figuras mais representativas da nossa sociedade e da colonia argentina. Entre as homenagens prestadas ao dr. Júlio Roca durante sua curta estadia nesta capital, teve significação especial o almoço offerecido pelo embaixador Mora y Araújo, na séde da embaixada argentina, e no qual tomaram parte, além do vice-presidente argentino, os ministros Afranio de Mello Franco, Oswaldo Aranha e Protogenes Guimarães, membros do corpo diplomático e outras figuras illustres, que formam o grupo do «cliché».

Terça-feira pela manhã, foi celebrada, no altar-mór da cathedral metropolitana, a tradicional missa em acção de graças com que, todos os annos, os amigos e admiradores do dr. Epitacio Pessoa festejam a data natalicia daquelle eminente patricio. No grupo acima, tomado por occasião da cerimonia religiosa, vê-se o casal Epitacio Pessoa entre os promotores da homenagem e demais pessôas que assistiram á missa de terça-feira.

Alto-Falante

O dr. Chryso Fontes, que, embora moço, é uma figura de relêvo nos nossos circulos scientificos, onde goza do maior prestigio, acaba de conquistar, em brilhante concurso, a cadeira de protese buco-facial na Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro, onde, desde 1927, já exercia as funcções de livre-docente e, ultimamente, as de cathedratico interino. Medico e dentista de real valor, o dr. Chryso Fontes é especialista na materia que vae, agora, leccionar em caracter definitivo, tendo-se aperfeiçoado na Europa com o professor Portmann. Assistente do professor Sanson, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Estomatologia e professor da Faculdade de Odontologia de Nictheroy, teve actuação destacada no 3.º Congresso Odontologico Latino Americano e é autor de varios trabalhos scientificos, que muito lhe recommendam os méritos.

SAUDADE

VOCÊ, meu amor, é o "mundo", o "mundo" que enche e absorve o infinito da minha solidão.

Parecer-lhe-á, talvez, absurdo e paradoxal isto que lhe grita meu coração, cheio de você, embora sem você...

No emtanto, nem é paradoxal nem absurdo o que lhe digo. Porque nada, na vida, é absolutamente só. Nem o homem, nem os seres, nem as coisas. Deus é o infinito animado, a manifestar-se, a revelar-se, sempre grandissimo, mesmo nas coisas pequeninas. E' como diz uma velha sentença: Maximus in minimus Deus...

* * *

Assim, na propria solidão, o silencio que a enche de quietude e de paz é uma imperceptivel palpitação da alma mysteriosa e immensa que a habita e commove.

Você, talvez nunca se tenha posto em communicação com a alma da solidão. Você talvez nunca a tenha sentido descer sobre sua alma e sobre seu coração, para dizer-lhe: "Tu não estás só, porque eu estou dentro de ti." Ou, então: "Tu és pequenino, tu te sentes pequenino demais deante de mim: no emtanto, eu, que sou enorme e infinita, contenho-me toda na inquietação de tua alma e na angustia do teu abandono."

* * *

O professor Abelardo de Britto, que é, tambem, um elemento prestigioso de sua classe, foi nomeado cathedratico de technica odontologica da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro, depois do resultado do concurso a que se submetteu, e no qual obteve o primeiro logar na classificação dos respectivos candidatos.

Vou precisar e concretizar mais o que lhe quero dizer. Sei que você não sabe latim, mas preciso citar-lhe mais uma phrase nessa lingua, extrahida da Eneida, de Virgilio: Mens agitat molem, que se traduz mais ou menos assim: uma intelligencia move toda aquella massa. E essa intelligencia é aquelle mesmo Amor che muove il sole e l'altre stelle, cantado pelo Dante, no Paradiso.

Mas, essa "intelligencia", esse "amor", palpitando dentro da solidão que encheu e absorveu uma alma se faz... saudade, mesmo porque toda solidão é tocada e velada de saudade...

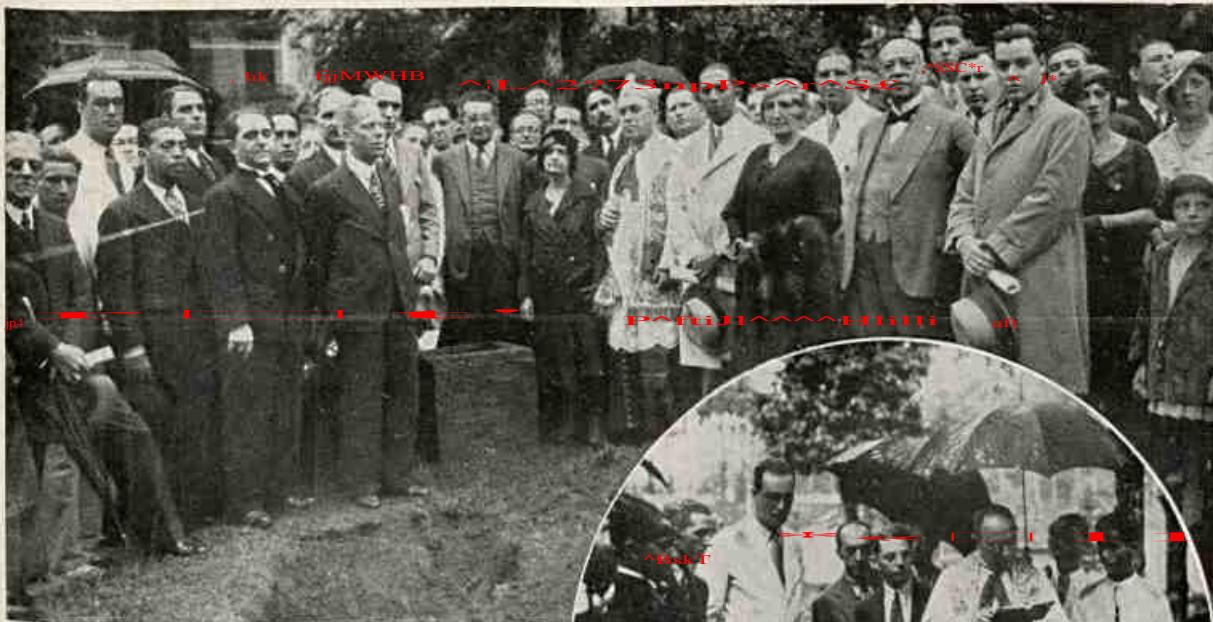
* * *

E' por isso que não estou nem me sinto só, porque para onde me volva acompanha-me a alma immensa da minha solidão, que é a minha saudade de você. Uma saudade cheia de Deus, para me consolar; cheia de mysterio, para que eu a busque comprehender; cheia de amor e cheia de amargura e de revolta, porque presa ainda e sempre á realidade de uma felicidade que, hoje, apenas vive do proprio sonho que alimentou a miragem verde e feitiça da suave illusão que foi, um dia, o credo, o evangelho do nosso amor.

* * *

Que foi e já não é?... Não. Perdôe-me. Sinto que sou injusto. Que foi e que será sempre o evangelho do nosso amor, porque sei que você me ama ainda como eu tambem a amo e que, mesmo longe, mesmo distantes, nossas almas se communicam, nossos corações sempre estão juntos, bem juntinhos, e nossas boccas e nossas mãos, commovidos de beijos e de caricias, se buscam a todo instante, a todo

(Conclúe na pag. seguinte)

O dr. Mario Braga Henriques, jurista de vinte e cinco annos apenas e um grande estudioso das questões do direito commercial, foi nomeado, por concurso, professor cathedratico da Faculdade de Direito do Pará, na cadeira de sua especialidade. Trata-se de um moço de real valor, que trouxe dos bancos academicos uma série de victorias consagradoras, como a conquista do premio «Teixeira de Freitas» e a honra insigne de, ainda estudante, ter o seu retrato inaugurado numa das salas da Faculdade de que é hoje professor.

O Syndicato Medico Brasileiro levou a effeito, no domingo passado, a solennidade do lançamento da pedra fundamental da «Casa do Medico», que dentro em pouco será a grande realidade por que se vem batendo, nobremente, aquella associação de classe. Na mesma occasião, foi lançada também a primeira pedra da capella da futura Casa. Compareceram ás duas cerimonias, de que offerecemos aqui dois expressivos flagrantes, altas autoridades, membros da classe medica, jornalistas e outras pessôas gradas.

A Fundação Graça Aranha reverenciou no ultimo sabbado a memoria do saudoso poeta Felippe de Oliveira, que foi um dos grandes animadores daquella Fundação. Álvaro Moreyra fixou, numa conferencia, a vida e a obra do autor de «Lanterna Verde». Depois do conferencista, se seguiu um programma de arte em homenagem ao scintillante poeta, que teve, assim, mais uma glorificação á sua alta e estranha sensibilidade. No «cliché», apparecem os directores da Fundação Graça Aranha presentes á solennidade de sabbado, que se realizou no Studio Nicolas.

ALTO-FALANTE

(Conclusão)

momento, exaltando dentro de nós a inquietação dos nossos anseios e dos nossos desejos, glorificados e espiritualizados pelo soffrimento da ausência na minha e na sua saudade.

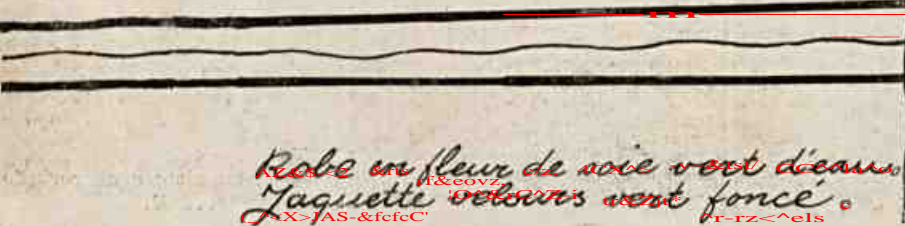
* * *

E eu sentirei sempre e você, tambem, sempre ha de sentir, como na velha canção allemã, que a minha felicidade está, lá, onde não estou, como a sua também está lá, onde você não está...

Um dia, porem, ellas se encontrarão de novo — a minha e a sua felicidade — e se unirão para sempre, confundidas no mesmo beijo, na mesma alma, no mesmo coração...

No beijo, na alma e no coração do nosso amor... E.

Robe de soir en fleur de soie blanche, rehaussée de violet. Collet de plumes violettes.

Robe de soir en mousseline noire. Bretelle e bracelet en plumes rouges.

Robe en fleur de soie vert d'eau. Jaquette velours vert foncé.

Sorrindo...

O LOUCO

É conhecido o "caso" daquelle louco, internado no Hospital Nacional de Alienados, que, respondendo a uma pergunta indiscreta de certo visitante de seu "hotel", lhe disse, sorrindo, piedosamente, com a serena ironia de todos os philophos:

— Aqui é o quartel-general, onde móra o estado maior. O resto vive lá fóra...

Estou convencido de que esse louco tinha razão. O mundo é um grande manicômio, onde os malucos andam á solta, confundindo-se na immensa loucura da vida. As ambições, as invejas, os desesperos humanos não passam de enfermidades que atacam, furiosamente, os pobres habitantes deste hospicio que não tem grades e onde, como nos outros hospicios, todos se julgam com juizo.

Conheço um homem que foi hospede da "pensão" da praia Vermelha e de lá sahiu com todos os papeis em ordem, naturalmente depois dos exames da praxe. A sciencia psychiatrica achou-o em condições de reingressar na sociedade e abriu-lhe as portas do "estado-maior"...

Esse homem, professor de linguas e director de escola feminina, fôra levado para o Hospital Nacional de Alienados após um repentino ataque de loucura provocado por excesso de esforço em querer conter, inutilmente, uma revolta das alumnas de sua escola... Ficára cinco annos ali, assistindo, do lado de dentro, ao desfile dos loucos de fóra.

Quando chegou o dia de sua liberdade, o antigo professor de linguas se despediu, commovido e saudoso, de seus companheiros de prisão, atravessou o pateo verde, onde, ás vezes, scismava nas horas crepusculares, e sahiu para a rua. Em frente do Hospicio, estavam estacionados alguns carros de praça. O nosso homem tomou o primeiro que se lhe deparou. E deu ao "chauffeur" o seu antigo endereço.

Ao descer do automovel, puxou da carteira uma nota de cem mil reis — a unica, aliás, que lhe restava das velhas economias de professor — e com ella pagou ao "chauffeur".

Este, indignado, declarou que não tinha troco.

— Pois é o unico dinheiro que possuo — disse o passageiro.

E o motorista não teve outro remedio sinão arranjar troco. Fel-o, porém, resmungando e fazendo gestos que o professor de linguas estava habituado a só ver no Hospicio.

Então, resignado, o passageiro exclamou:

— Leve-me de novo para o Hospicio, amigo. Verifico, agora, que ainda não estou bem curado.

M. C.

O garoto, filho de um inimigo de... garrafas vazias, ao voltar da escola onde se matriculára havia poucos dias, disse ao pae:

— A professora affirmou que a terra dá voltas, papae.

E este, que tinha bebido o sufficiente para ver as coisas movimentando-se em torno de si, apenas respondeu:

— Dá voltas que é uma coisa bárbara, meu filho!

* * *

De *Román Gómez de la Serna*: "Supprimindo as camas se acabariam, tambem, com os roubos a domicilio. Porque é sabido que todo ladrão domiciliario que se preze de tal titulo tem a obrigação iniludivel de metter-se debaixo da cama..."

* * *

Um dos philosophos que costumavam acompanhar Frederico II perguntou-lhe, uma vez:

— Que faria vossa magestade si todos os seus soldados enlouquecessem?

— Mais grave seria que todos elles recuperassem o juizo — respondeu o monarcha.

* * *

Duas senhoras de idade foram em visita a um aerodromo moderno, e mostraram-se tão interessadas em observar e commentar tudo o que viam, que resolveram fazer um passeio em aeroplano.

Pagaram as passagens e já se preparavam para embarcar em um apparelho, quando uma dellas, dirigindo-se ao piloto, lhe perguntou, ansiosamente:

— O senhor nos trará de novo á terra, não é assim?

O aviador, cortezmente, respondeu:

— Exactamente, minha senhora. Até agora não deixei ninguem no espaço...

* * *

De *Voltaire*: "Uma grande bibliotheca tem uma vantagem: espanta sempre a quem a contempla."

* * *

— Vae buscar outra garrafa de vinho, José.

— Mas, patrão, o senhor sabe que tanto vinho me faz mal.

— Eu não te disse que o vinho era para beberes.

— Sim, patrão; mas quando o senhor bebe muito... eu é que pago as consequencias...

* * *

Mark Twain, grande humorista de fama universal, recebeu, um dia, uma carta em que certo escriptor, mais intrigante e mediocre do que discreto, lhe perguntava, entre outras coisas, si era efficaz, para o desenvolvimento da intelligencia, comer muito peixe. Mark Twain deu-lhe esta resposta:

"Sim, meu querido collega: o consumo do peixe, por effeito do phosphoro que contém, é excellente para o cérebro. No seu caso, calculo que dois ou trez tubarões, embora não sejam dos maiores, bastarão no primeiro momento."

* * *

— Vou para outra cidade — exclama, indignado, um medico installado no Rio de Janeiro. — Talvez São Paulo.

— E teus clientes? — perguntou o collega a quem elle se dirigia.

— Todos elles me abandonaram.

— Abandonaram?! Como?

— E' que todos já morreram...

* * *

— Ha duas classes de impostos: directos e indirectos — declara o professor.

E pergunta ao alumno:

— Você póde dar-me um exemplo, Eduardo?

— O imposto dos cães, professor.

— Como?...

— Sim. Porque não é o cão que paga...

Sob os auspicios do Centro Academico Evaristo da Veiga, realizou-se sabbado ultimo, na Faculdade de Direito de Nictheroy, a festa ao «calouro» fluminense, que decorreu cheia de brilho, reunindo distinctos elementos da sociedade local. Apresentamos aqui um flagrante da solennidade, tomado na occasião em que falava o orador dos «calouros», academico Pedro Caram, e um grupo de figuras femininas que deram realce á linda festa.

O aviador polonez capitão Stanislaw Sharzynski foi, sabbado ultimo, homenageado na séde da União dos Israelitas da Polonia, onde se realizou brilhante festa offerecida ao bravo compatriota do ministro Thadêe Grabowski, que compareceu á reunião acompanhando o glorioso herõe do vôo Polonia-Brasil.

TORRE DE BABEL

QUANDO você, hontem, servendo o seu translúcido "Madeira", me confidenciou os seus projectos sentimentaes, eu, olhando-o profundamente, reflexionava sobre o nosso passado. Sim... O nosso passado... Feliz passado? Um passado harmonioso, realmente.

E, hoje, que nos resta?

De toda essa historia romantica de nossa vida, ainda nos resta uma grande affeição intellectual.

E não é pouco. Ainda é alguma coisa de felicidade. E quer saber?... Ainda não o esqueci completamente. Você é tão encantadoramente amoroso, subtil e bom, que nunca poderá ser esquecido. Ha uma variedade infinita de sentimentos em o seu todo psychico.

Uma riqueza pathetica, um mostruario de generosidade em a sua alma, que o deixa eternamente gravado no coração das mulheres a quem você impressionou.

A vida é o espectaculo continuo de sensibilidade e de arte.

Os prejuizos, as consequencias, o bom senso, tudo são modelos para o equilibrio das injuncções.

Um artista perfeito nunca é delicioso. Só as imperfeições têm encantos. Os vicios são máos quando grosseiros. As virtudes, sempre admiraveis, são dolorosas.

A personalidade de cada individuo não póde soffrer cotejos nem deve merecer reprimendas.

Cada ser deve realizar as suas aspirações e as suas tendencias, desenvolvendo amplamente os devaneios da sua emoção.

Nunca restringir o indice de realizações sob o guante da consciencia. Porque consciencia hypertrofiada é covardia. E o homem, o estheta sensivel, que adora um raio de sol com a volupia de gato velho que se espreguiça com egoismo, tem direito a uma vida plena, fulgindo sempre para os horizontes da ambição e da fantasia.

A sua sensibilidade é inesgotavel, meu amigo.

Do sublime ao pittoresco você surprehende todos os aspectos da emoção artistica. Devo dizer-lhe que, nos meus momentos de solidão, invoco o espirito providencial da sua intelligencia para presidir aos colloquios psychicos da minha beatifica saudade. A saudade póde parecer um sentimento futil aos insensiveis. Aos da minha tempera sentimental, porém, a velha saudade comporá sempre com os seus motivos de ballada o mais ineffavel dos romances. A velha saudade, portugueza de Antonio Nobre, ou brasileira de Bilac, evocará, eternamente, no fichario dos amorosos, uma historia inesquecivel. Sob arranha-céos e radios, entre auto-omnibus e aeroplanos, o coração emotivo acordará palpitações estranhas para o concerto singular das recordações de saudade. Quem discordar deste thema não vibra para as imperfeições do amôr...

E o amôr, meu querido amigo!

Você, que é singularmente amoroso, poderia dissertar sobre esse grande emissario da alegria e da dôr. Amôr-ventura, amôr-radioso, amôr-feliz... Mas, um philosopho da minha intimidade sempre refere que não existe amôr feliz. E isto porque o dinheiro se retrae da companhia dos amorosos. Será verdade? O amôr bem comprehendido é indifferente aos deleites que o dinheiro proporciona. Amôr, amôr regeita tudo que perturbe a solidão e o carinho das suas horas. Amôr é vida sacrificada ao destino da propria vida. O amoroso que precisa do dinheiro para satisfação dos seus caprichos é viciado banal, que só sabe sonhar com a cabeça pesada de "champagne"... Eu ainda sou do tempo em que os namorados cantavam á lua os seus madrigaes, e sonhavam coisas lindas sobre os seus leitos de Procusta...

E você? Certamente, a sua opinião sobre o amôr é das mais encantadoras... Nem poderia deixar de ser assim. Tudo quanto você pensa está admiravelmente coordenado aos seus devaneios intimos. Por isso mesmo, prende o fio de uma deliciosa meada que ha seculos enrodilha o universo. A meada é a historia dos sacrificios de amôr...

Nunca me esqueço dos sacrificios que você tem feito em toda a sua vida de amoroso.

E os seus sacrificios de amôr são legendas preciosas.

(Conclúe na pag. seguinte)

D. Amélia de Freitas Bevilaqua acaba de publicar mais uma obra interessantissima, subordinada ao titulo «Contra a Sorte». Espirito de uma ductibilidade admiravel e dotada ainda de uma emotividade, de uma sensibilidade delicada e fina, a consagrada escriptora patricia é, sem favor, uma das maiores figuras do nosso scenario intellectual feminino. Tendo formado o seu espirito e a sua intelligencia ao lado da maior expressão da nossa cultura juridica, que é Clovis Bevilaqua, a illustre autora de «Contra a Sorte» offerece-nos nesse lindo volume cheio de sentimento e de belleza um livro que se lê com crescente interesse e enlevo. São paginas que revelam uma delicadeza emocional encantadora e suggestiva e que, mais uma vez, põem em relevo accentuado a expressiva physionomia literaria da illustre escriptora brasileira.

Na séde do Cercle Suisse realizou-se, ha dias, um baile para festejar o 21.º anniversario da fundação da União Genebrina. E' um aspecto dessa reunião o que focaliza o nosso «cliché».

TORRE DE BABEL

(Conclusão)

Muito me enternecem as suas aventuras, meu amigo. Relate-m'as com toda a expressão verbal do seu exaggêro. Sinto-me feliz em escutar as suas confidencias.

E, si, alguma vez, você notar uma leve refracção da minha alegria, ao escutar as suas lendarias referencias de amôr, não se admire...

E' que ainda sinto enrilharem-se-me as cordas do ciume quando você se dissipa em vibrações pelo mundo fóra...

São explosões instinctivas que lhe não posso dominar...

Adeus. Si, daqui a algum tempo, você ainda se lembrar da minha devoção, mande-me dizer onde posso encontral-o, para conversarmos um pouco, e sorvermos novos copos de um velho "Madeira" crystalino...

Mlles. Sofia e Helena Dias Brandão são dois nomes illustres dos nossos meios artisticos e mundanos. Realizando prodigios com as suas vozes privilegiadas, as duas distinctas artistas de ha muito se impuzeram á admiração das pessôas cultas e de gosto apurado. Ha, por este motivo, um crescente interesse em torno do recital de canto que as duas irmãs offerecerão ao nosso publico, no Instituto Nacional de Musica, no dia 14 de junho proximo, ás 21 horas. O programma para essa festa de arte é o seguinte: 1.ª Parte — Mozart: «Nozze di Figaro» — (Duo do 3.º acto); Koendel: «Oratório de la joie»; Scarlatti: «Spesso vibra suo gioco»; Pergolesi: «Aria «Stizzoso» da «Serva Padrona»; Schubert: «Lied e Hermann und Thunesida»; Brahms: «Dimanche». 2.ª Parte — R. Baton: «Nuit d'autrefois»; L. Fernandez: «Cysnes»; D. Alaleona: «Fides»; Aloysio de Castro: «Exílio»; Mignonne: «Teu nome»; Huberti: «Chanson de Mai»; Chabrier: «Les Cigales»; Mignonne: «Bella Granada»; Chausson: «La Nuit» — (Duo).

A Sociedade Scientifica de Estudos Supermentalistas «Tattwa Nirmanakaia» solemnizou com um brilhante festival, realizado em sua séde, a data natalicia de seu presidente, dr. Gerson Paula Lima, que ahi se vê, entre associados daquelle gremio, quando recebia tão expressiva manifestação de sympathia e apreço.

Lucie Delarue-Mardrus

CONTRACTADA pela Sociedade Brasileira de Cursos e Conferencias, de que é presidente o professor Afranio Peixoto, e de cujo conselho director, encarregado de organizar os programmas de conferencias estrangeiras e nacionaes, fazem parte os drs. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON e presidente da Academia Brasileira de Letras; Fernando Magalhães, Rodrigo Octavio Filho, Paulo Prado e Alceu de Amoroso Lima, chegará ao Rio no proximo dia 4 de junho, para, dois dias depois, a 6, estrear no theatro Municipal, a grande figura das letras e artes contemporâneas Lucie Delarue-Mardrus, ao mesmo tempo poetisa, romancista e esculptora.

Entre os seus admiraveis e admirados livros, destaca-se o que escreveu sobre Santa Therezinha do Menino Jesus, da qual acaba de esculpir magnifica estatua, offerecida, em miniatura, pela revista Les Annales, aos seus assignantes.

Os outros livros de Lucie Delarue-Mardrus são os seguintes: *Accident, Ferveurs, Horizons, La figure de proue, Par vents et marées, Souffles de Tempête, A Maman* (versos); *Marie fille-mère, Le roman de six petites filles, Comme tout le monde, La monnaie de singe, Douce moitié, L'apparition, Le pain blanc* (romance), e *Reine de mer, Prêtresse de Tanit* (theatro).

O nosso mundo intellectual aguarda ansioso a palavra da illustre dama franceza, que se fará ouvir não só no Rio, mas, tambem, em São Paulo.

Prestamos, nesta pagina, merecida homenagem a Lucie Delarue-Mardrus, estampando algumas de suas photographias e publicando um de seus bellos poemas.

MUSIQUE

Puisque nous nous sentons ce soir troublés et tristes
Quelle que soit notre souffrance,
Viens, consolation sans paroles, Musique.
Et que tes beaux sanglots et ta mathématique
Versent leur sortilége á nos coeurs qui t'attendent!
Chante!... Un respectueux silence te reçoit
Dans notre être, et l'orgueil s'y assouplit et ploie
Au souffle génial et rauque de ta voix.
Chante! Chante, Musique!... Ah! sois notre David
Car en nous quelquefois s'assied un sombre roi
Fixant des yeux si noirs et si durs sur la vie
Que nous ne pourrions plus jamais pleurer, sans toi...

Lucie Delarue-Mardrus

UMA EXCURSÃO DO CLUB CENTRAL, DE NICTHEROY

O Club Central promoveu, no penultimo domingo, 14 do corrente, deliciosa excursão a Ribeirão das Lages, onde se acham as installações da Light, que foram detidamente visitadas pela caravana de associados do elegante gremio de Nictheroy. Os excursionistas fluminenses, que partiram da vizinha capital ás primeiras horas da manhã, viajaram em varios automoveis e tiveram occasião de apreciar, na sua passagem pelo Monumento Rodoviario, a grande obra que o Touring Club do Brasil construiu na estrada Rio-S. Paulo para commodidade e repouso do turista interestadual. Deve-se a iniciativa dessa linda excursão ao dr. Jorge Abreu, presidente do Club Central, e que, como socio do Touring Club, está organizando outros passeios a varios pontos pittorescos do Estado do Rio e Minas Geraes, desenvolvendo, assim, um programma de turismo digno dos maiores louvores. Esta pagina focaliza varios flagrantes da excursão do Club Central.

Nas regatas que se realizaram na cidade fluminense de Campos, a 7 de maio corrente, sahiu vencedora a guarnição que tripulava este yole, e que conquistou, assim, uma brilhante victoria nos remos.

Olga Navarro, a festejada actriz patricia que tantas victorias tem alcançado em nossos palcos, estreou na Comedia Brasileira do Municipal interpretando, com successo, um dos papeis da peça de Mathues da Fontoura — «Dindinha».

PHILOSOPHIA DA VIDA

I

Philosophia amarga e dolorosa. Buchner. Hume. Schopenhauer. Este ultimo, nebuloso e tragico, deixa em todas as almas o germen da descrença. E Schopenhauer é para muitos o principe das philosophias. E' adorado como um Deus...

II

Optimismo. Republica de Platão. Bondade. Justiça. Lealdade. Ordem. Moral. Paz Prosperidade. A gente acredita em tudo. E continúa a ler os optimistas. Evitando na estante os escriptores perversos e ironicos. Abominando Schopenhauer.

III

Optimismo... Mas, si nos livros os moralistas nos falam em ordem, justiça, lealdade, aqui na terra continúa tudo no mesmo: injustiça, desordem, mentira.

* * *

Em face do exposto, julgo que o homem não póde ser optimista. Deve ser pessimista. Mas um pessimista todo cheio de bom humor. *In medio stat virtus*... Um pessimista sorridente. Um infeliz cheio de felicidade. — PAULO FREITAS

O sr. Agostinho Dias Nunes de Almeida é o creador, entre nós, de uma nova arte — a «Pinacotelia» ou seja a arte de confeccionar quadros, representando paizagens ou imagens, por meio de pedacinhos de selos do correio. E' um trabalho chinez, pela paciencia que exige, e verdadeiramente original pelos effeitos de côr que consegue. Apparecendo em 1920, o intelligente artista figurou, com os seus interessantes trabalhos, na Exposição do Centenario, em 1922, onde obteve Medalha de Ouro. A Escola Nacional de Bellas Artes conferiu-lhe, tambem, valioso premio, consagrando, assim, de maneira expressiva, a habilidade e os pendores artisticos do creador da «pinacotelia» no Brasil.

A Cie. Generale Aeropostale desenvolve, dia a dia, a sua admiravel frota aerea. Ainda agora vem ella de pôr no serviço do sector Casa-Dakar um possante avião Late 28-«long courier», cujo raio de acção é de mais de 2.000 kms.

"FON-FON" NO CINEMA

ADEUS ÁS ARMAS!

(Farewell to Arms)

DA PARAMOUNT

com

Helen Hayes, Gary Cooper, Adolphe Menjou, Mary Philips e Jack La Rue

Entre duas batalhas...

O flagello terrivel da guerra alastrou-se, tudo consummindo, destruindo vidas, aniquilando amores. E os que ainda estão nas linhas de frente, homens e mulheres, aguardam resignadamente o dia em que a paz reviverá de novo e as suas vidas poderão voltar á trilha habitual, o dia em que refloresça o romance e os corações se alvorocem outra vez de justas alegrias. Mas a guerra ainda não vae em meio e isso ignoram todos os que lhe desejam o fim.

O tenente Frederico Henry, um americano que tem a seu cargo as ambulancias no sector alpino, vem a uma cidade fronteiriça para ali passar uma noite descuidosa, na companhia do major Rinaldi, seu amigo, um cirurgião de grande renome. Quando os dois estão em animada conversa, procurando esquecer os horrores da guerra, a cidade é bombardeada e Henry vem a conhecer, n'um pateo onde se abrigaram, a enfermeira Catherine Barkley, a quem toma por uma leviana filha de Citera.

Na hora da partida para o cumprimento do dever.

Só mesmo descobre o seu equivoco na noite do dia seguinte, quando a encontra n'uma festa. Reina um pouco de tranquillidade, e Henry conduz Catherine ao jardim. Está uma noite de romance, e sob a suggestão da lua os braços enlaçam-se, saciam-se os corações famintos. Como hão de pensar em convenções aquelles que a cada hora estão ameaçados de morrer?

No dia seguinte, Frederico parte para as linhas de frente. Rasgam o ar os obuzes, e o official recebe no joelho um grave ferimento. Levado de novo á cidade onde ha tão pouco estivéra com o seu grande amigo, alli é operado pelo famoso cirurgião e logo remettido para uma grande cidade do interior, para onde Catherine foi tambem transferida. Está ali ao alcance de seus braços, sem que elle lhe possa tocar; até que uma noite os dois mandam a produncia ás ortigas.

O bom padre cujo ministerio solicitam não se anima a sanccionar o acto de loucura dos namorados, mas dá-lhes a sua benção, reflectindo que Deus não considerará um peccado o que elles fazem.

Frederico tem que voltar para as linhas de frente, deixando, atraz de si, o seu grande amor. Rinaldo, mal o avista, logo se apercebe da transformação que se fez no seu dilecto amigo. Não convém, entretanto, animar o amor na alma de um soldado, e por isso, como censor official da unidade a que pertence, Rinaldo manda que seja interceptada toda a correspondencia de Frederico e toda a que lhe

(Conclúe na pag. 48)

Aquella creatura matava-lhe a energia de soldado.

ZAROFF, O CAÇADOR DE VIDAS

(The most dangerous game)

Film da RKO - R. DIO

com LESLIE BANKS — JOEL MC CREA — FAY WRAY E ROBERT ARMSTRONG

Aguardando o momento!

Zaroff!

BOB RAINSFORD, um joven millionario americano, que vibrava numa sêde inextinguivel de aventuras, viajava para a Argentina, onde deveria fazer caçadas tentadoras. Uma tempestade violentissima, no emtanto, fez com que o seu «yacht» se despedaçasse de encontro a um rochedo de uma ilha do mar Caribeano. Forte e intrépido, elle atirou-se ao mar, nadando para terra. Era o único sobrevivente. Ao pisar a terra, e quando procurava uma orientação, ouviu tiros, seguidos de gemidos. Começou a caminhar até que divisou uma imponente moradia. Bateu á porta, sendo attendido por um creado tártaro, que o tratou com grosseria. O dono da casa, porém, um nobre russo, o conde Zaroff, apparece e o acolhe gentilmente. O conde procura confortar Bob e declara que o conhece através de suas proezas como caçador e da sua celebridade como autor fecundo e suggestivo.

Na casa de Zaroff, existem mais dois convidados. São elles: Eve Trowbridge, uma joven lindíssima, e o seu irmão Martin, que é um insaciavel consumidor de «cock-tails». Ao jantar, ha uma conversa animadissima, que gira, sobretudo, em torno das grandes caçadas. Zaroff conta as suas aventuras como caçador. Já havia abatido exemplares de quasi todas as especies de animaes. E as caçadas communs não o emocionavam mais. «O que eu preciso», diz Zaroff a Bob, «é de uma nova especie de animal». Continuando, declara: «Já arranjei uma caça interessantíssima, e que constitúe, presentemente, a minha grande fonte de emoções». A palestra ainda se prolonga por meia hora. Com o correr do tempo, porém, os presentes se recolhem para dormir. Já passava de meia noite, quando Bob é surprehendido pela entrada, no seu quarto, de Eve. Ella se mostra alarmadissima, tiritante de pavor e diz que o irmão e Zaroff sahiram de casa.

Os dois descem, então, devagarinho, e vão encontrar escancarada a porta que conduz á sala dos trophéos. Por um impulso irreprimivel de curiosidade, olham e recuam, horrorizados. Os trophéos do conde são nada mais do que cabeças humanas. Emquanto elles, immobilizados pelo terror, permanecem na entrada da sala, vêem que o conde e dois dos seus creados conduzem alguma coisa para baixo. Bob e Eve verificam, então, tratar-se do corpo de Martin.

Era um louco ou um criminoso?

(Conclúe na pag. 49)

HERÓES DO MAR

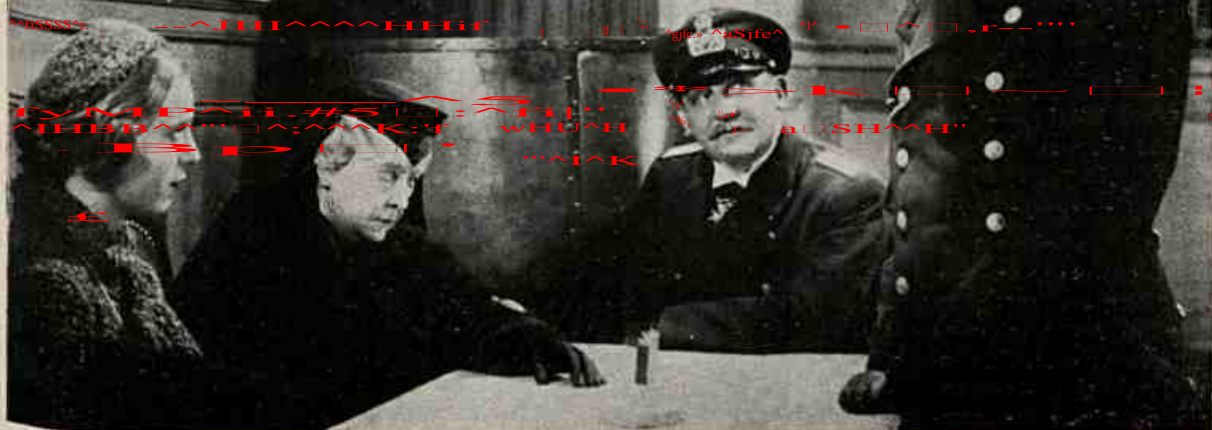
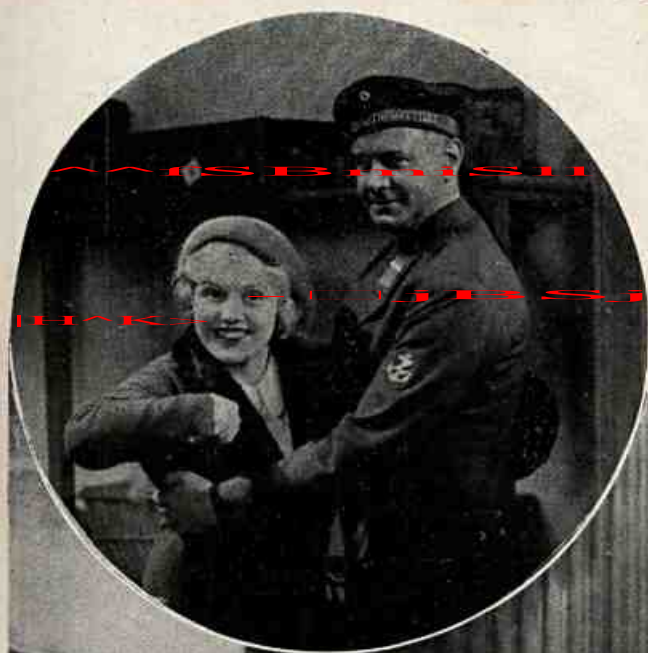
(Morgenrot)

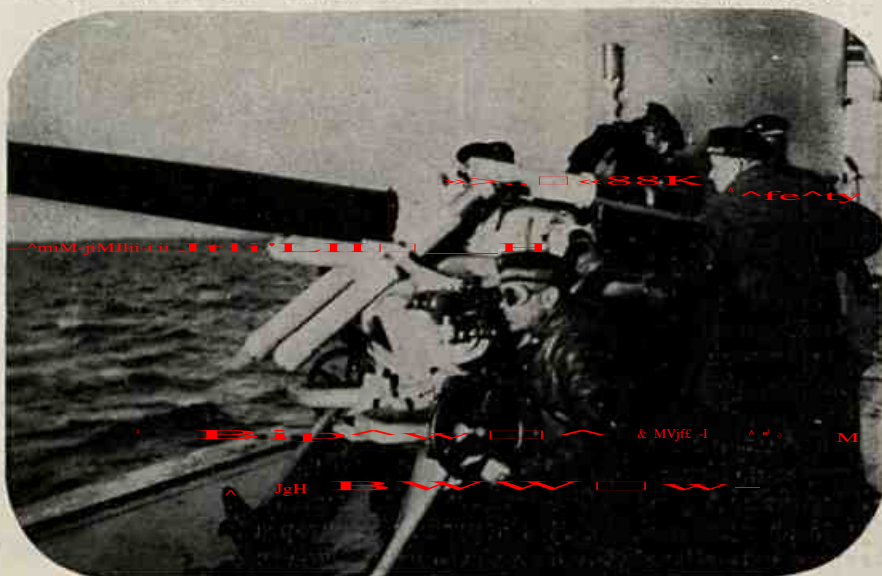
Producção UFA

Direcção de GUSTAV UCICKY

Capitão Liers...	RUDOLF FORSTER
Sua mãe........	ADELE SANDROCK
Tte. da marinha.	FRITZ GESCHOW
Grete Jaul......	CAMILLA SPIRA
Helga...........	ELSE KNOFF

O «prêmio» da heroicidade.

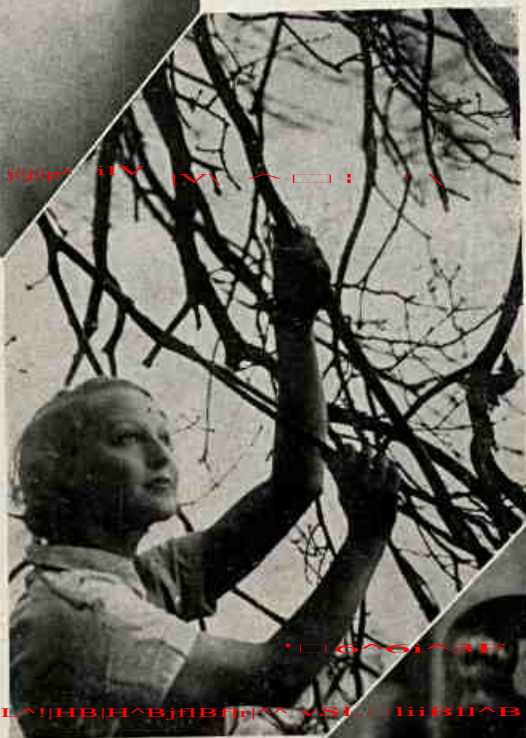
Era o ultimo filho que partia.

A pequena cidade de Meerskirchen celebra com enthusiasmo a partida da tripulação de um submarino encarregado de uma difficil missão no mar Baltico. Jaul, radio telegraphista do submarino que vae partir, prefere, ás manifestações da turba, ás que lhe prodiga, naquelle recanto discreto da "gare", sua futura esposa, a divertida Grete. Apenas, em meio á alegria que agita a pacata população de Meerskirchen, um homem não sorri. E' o capitão Liers, commandante do submarino, homem que á sua pericia de velho marinheiro junta a de um profundo senso da realidade. Ao seu lado, na carruagem que roda por entre a multidão, encontra-se a velha mãe, que viu partir, um a um, para a carnificina tremenda, os filhos queridos. E lá ficaram todos, destroçados pelas granadas, nos sombrios campos de batalha. Resta-lhe apenas aquelle filho Liers, cuja partida ella bem desejára evitar interferindo junto ao Alto Commando com um pedido de licença. Mas o militar repellira brandamente a protecção materna. Por isso é que a pobre velha pende a cabeça, tristemente, emquanto á sua volta estrugem acclamações enthusiasticas. Apenas o tenente Fripps, com o estouvamento da sua mocidade, não perde tempo em pensamentos tristes. Aproveita os ulti-

(Conclúe na pag. 50)

Aguardando a victima.

O FILM ALLEMÃO

Kathe von Nagy — Brigitth Helm — Anna Sten — Hans Albers, da Ufa.

O nosso publico ainda não se habituou ao film europeu, ou melhor ainda não comprehendeu a sua technica superior e o alcance social e de alta espiritualidade com que sempre sabe colorir os seus trabalhos, fugindo quanto possivel á futilidade de que está envenenado o gosto do publico que frequenta os nossos salões cinematographicos. A technica da filmagem européa, ou para ser mais justo, da filmagem allemã e franceza, evidentemente as unicas dignas de consideração, é tão perfeita quanto a norte-americana, e supera-a até sob alguns pontos de vista. No que essa filmagem, nomeadamente a allemã, excede a americana é no alcance moral dos themas, onde ha mais observação, mais espirito da vida moderna.

O film europeu ha de acabar por conquistar o gosto brasileiro. E' uma questão de tempo e de tenacidade, por isso que os studios da Europa nos mandam pelliculas que merecem todo o applauso devido a trabalhos de mérito real. Sem duvida a America do Norte continuará a ter o primeiro logar. E' natural. A producção é mais variada e mais ao gosto do nosso publico. Mas a producção européa merece uma attenção e uma estima que até hoje se lhe não têm concedido.

O INSUCCESSO DE "GRANDE-HOTEL"

HA, por vezes, surpresas na vida cinematographica que deixam os que nella lidam ha muitos annos desorientados. Uma das ultimas, sem duvida das mais sensacionaes, foi a do insuccesso de "Grande-Hotel", um film que toda a gente esperava, como de direito, que conquistasse uma victoria retumbante. Pois nunca se viu desastre mais inesperado, isto é, film que menos correspondesse ao seu valor na concorrencia do publico. Culpa de quem?... Do film?... Não. Trata-se evidentemente de uma pellicula de valor incontestavel, embora pouco de molde ao gosto do nosso publico. Salvo melhor opinião, o desastre resultou do processo de reclame, que evidentemente estava errado.

E' indispensavel aos lançadores de pelliculas entregar a propaganda dos films de valor de "Grande-Hotel" a quem saiba pôr nesse reclame um pouco mais de criterio, de modo a dar ao publico a noção precisa do valor do film. Esta lição de "Grande-Hotel" é, na materia, um exemplo convincente.

Escriptores e livros

R. M. Ballantyne — A ILHA DE CORAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

E' uma esplendida novella, que Godofredo Rangel traduziu para a *Collecção Terramarear*. Leitura que interessa vivamente, pela riqueza da imaginação do autor.

Rudyard Kipling — MOWGLI — O MENINO LOBO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

KIPLING, escriptor universalmente consagrado, forneceu este volume para a *Collecção Terramarear*. A traducção de Monteiro Lobato é primorosa.

Florencio Santos — IMAGENS QUE DANSAM — Galdino, editor — Bahia — 1933

CHRONICAS e impressões. Mais impressões do que chronicas, diremos nós, sem molestar o autor.

A chronica exige do escriptor, além do rendilhado da phrase, uma apreciavel cultura. E' talvez o mais ingrato genero da prosa. Sem duvida, o sr. Florencio Santos sabe manejar a penna com certa elegancia, esgrimindo as idéas com precisão. Mas, não basta. Como impressionista, sim, merece louvores.

Passa, focaliza o que encontra pelo caminho, e faz o seu registo, leve, espiritual, moderno. O escriptor possúe uma grande virtude: é synthetico. Em poucas pinceladas compõe o seu quadro para expôl-o á vista do leitor.

Naturalmente, este livro nasceu da actividade dispersiva dos jornaes, e dahi a sua melhor recommendação. Nós, que temos o dever de manipular o commentario diario da imprensa, não podemos escolher os assumptos como qualquer amador das letras. Por isso tambem, não podemos ser profundos em tudo quanto escrevemos. Só os profissionaes do jornal conhecem o nosso martyrio. E uma collectanea de trabalhos do jornal deve sempre ser acolhida com sympathia, e nunca com aggravos. O autor escreve bem. Possúe todas as qualidades para vencer.

J. Tupi Caldas — MINERALOGIA E GEOLOGIA — Liv. Globo — Porto Alegre — 18$

PROFESSOR de varios institutos de ensino de P. Alegre, neste curso geral de mineralogia e geologia applicada ao Brasil, o autor conseguiu revelar o perfeito conhecimento que tem da materia, escrevendo um trabalho util, digno de ampla divulgação. A edição é primorosa, como apresentação material.

Joaquim Silva — HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

TRATA-SE de um excellente trabalho organizado de accôrdo com o programma do 2.º anno do curso secundario. A edição attende a todos os requisitos escolares.

Elóra Possólo — DISCOS DA MINHA VITROLA — Edição Pongetti — Rio

PEQUENOS poemas em prosa, que revelam a fina sensibilidade da autora. Discos sentimentaes, sahidos do coração, gravados por um cerebro rico de imaginação, que enternecem, commovendo por vezes. Leitura amavel, risonha, encantadora.

Modesto de Abreu — EXUMAÇÃO — Rio — 1933

NARRATIVAS da vida real, impressões colhidas ao léo, reunidas em brochura, os trabalhos de Modesto de Abreu interessam pela vivacidade que os caracteriza. Quem conhece a intimidade da imprensa não póde deixar de sorrir deante de certos episodios narrados pelo autor, com a candura das almas simples, não contaminadas dos vicios do meio ambiente...

Mordaz algumas vezes, sereno quasi sempre, Modesto de Abreu desfia um rosario de historias que entendeu exhumar para divertir os leitores. O desenho da capa é demasiado tétrico, assusta pela extravagancia da concepção. Bem podia ser outro.

Alcibiades Delamare — SOLDADO DE CHRISTO — Liv. Catholica — Rio — 5$

TRATA-SE de uma collectanea de artigos publicados na imprensa, e de algumas orações proferidas em solennidades religiosas. O autor é um ardoroso propagandista do catholicismo entre nós, bastante conhecido e apreciado pela sinceridade com que defende as suas idéas.

Apenas lamentamos divergir em muitos dos seus pontos de vista, e que seria fastidioso ennumerar, neste ligeiro registo.

Jayme Coragim — LIVRO DOS SONHOS — Liv. Globo — P. Alegre — 3$

O autor offerece-nos um "methodo pratico e infallivel para a fiel interpretação dos sonhos, com relação aos destinos da Vida, Negocios, etc., compilado de accôrdo com as mais recentes descobertas das sciencias occultas." São palavras do mestre... Quem acreditar nellas, que siga os conselhos.

COLLECÇÃO TERRAMAREAR

Não basta aprender a ler. E' preciso que o menino, depois que sabe ler, *leia!* Mas ler que livros? Ler os livros da COLLECÇÃO TERRAMAREAR, livros *especialmente* feitos para meninos. Os pais *estão no dever* de dar aos seus filhos todos os livros dessa preciosa collecção.

AVENTURAS - VIAGENS
HISTORIA - HEROISMOS

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

3$ VOL. EM BROCHURA

5$ VOL. ENCADER.

VOLUMES PUBLICADOS:

RUDYARD KIPLING
I - Mowgli, o Menino Lobo

EMILIO SALGARI
II - Song-Kay, o Pirata
III - O Prisioneiro dos Pampas

MAYNE REID
IV - Os Naufragos de Bornéo
V - Os Negreiros da Jamaica

EDGAR RICE BURROUGHS
VI - Tarzan, o Filho das Selvas
VII - A Volta de Tarzan

ROBERT LOUIS STEVENSON
VIII - A Ilha do Tesouro

J. FENIMORE COOPER
IX - O Corsário Vermelho

R. M. BALLANTYNE
X - A Ilha de Coral

W. H. G. KINGSTON
XI - Ao Longo do Amazonas

Cia. Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 26-28 - SÃO PAULO

CAPITÚ (S. Paulo) — Primeiramente, quero render-lhe a minha homenagem — pelo facto de v. ex. ser paulista; em segundo logar, por ter talento; em terceiro, por ser mulher (?) e em quarto, por me parecer homem.... em *travesti* de Eva...

Sim. O seu trabalho está bem feito. Já pedi ao secretario um bom logar para elle.... Mas, si o sr. é do meu sexo, — não m'o negue, por favor. Gosto das coisas claras.... Si o sr. tem valor, eu o acolherei com sympathia e justiça. E' inutil tentar qualquer dissimulação, pois, em *materia* de arte, eu só vejo o espirito — e nunca a *materia* do dito...

Para mostrar que tenho razão em duvidar do seu sexo — dou aqui a sua missiva. Que os sabidos expliquem si o sr. é do sexo de Adão ou do outro, que fica no lado opposto...

"Yves. Leitora assidua do "Fon-Fon", minha revista predilecta, onde tenho admirado a sua fina sensibilidade de poeta e o seu brilhante talento de critico, de chronista e de "conteur", desde muito que nella desejo collaborar. Por isso, pondo, hoje, de lado o receio de importunál-o, venho submetter á sua critica um trabalho meu, e pedir-lhe a sua publicação.

Você, como litterato, sabe que o melhor meio de vermos os nossos trabalhos em *letras de forma* é o sermos relacionados. E eu sou uma desconhecida. Uma isolada.

Demais, Yves, você deve conhecer o que é S. Paulo em materia de revistas: uma calamidade! Collaborei em algumas.... mas tiveram a existencia ephemera das rosas de Malherbe.

Não querendo tomar mais o seu tempo, e esperando ter o bom acolhimento que você tem dispensado a muitas outras, cuja rapida carreira devem a você (acho inutil

citar nomes), pleiteando um bom logar para o meu trabalho, antecipadamente agradece a admiradora e amiga

N.B. — Tenho procurado, como se procura uma agulha, o seu livro "Uma garçonne carioca" em todas as livrarias daqui, e ainda não o encontrei. Seria muito incommodo o você remetter-me um, dizendo a quantia que deverei enviar por isso?

Peço responder, pelo "Saibam Todos", para Capitú."

Seu Capitú... ou melhor, D. Capitú... O que lhe posso garantir é que *Uma garçonne carioca* está á venda em todas as livrarias de S. Paulo e do Rio. Custa 6$000. Mas, si tem difficuldade em obtêl-o, basta dirigir-se á Livraria Alves á rua do Ouvidor, 166, aqui, ou á sua filial, em S. Paulo. Si de qualquer modo o não obtiver, mande-me o seu endereço, nome, etc. e eu livro enviarei de presente... Sim, porque terei de compral-o, do mesmo modo que os demais, uma vez que a edição não me pertence.

JEAN HARLOW (Capital) — Não posso deixar de agradecer as palavras amaveis que me dirige. O sr. escreve em estylo tatibitati — mas é gentil.

E eu tanto sou sensivel a gentileza de um normal, como a de um gago.

Diz o sr. na sua carta amavel:

"Ex. Sr. Yves. Saudações. Leio com grande prazer e attenção a secção "Saibam todos"; e peço-lhe por meio desta uma resposta.

Acabo no momento de escrever esta de lêr o seu livro "Uma "garçonne" carioca" e tive tambem o prazer de verificar neste livro a sua cultura intellectual, vejo tambem como é muito lido de autores classicos.

A pergunta é que ainda ninguem notou que a sua elevada discripção do chronista do "Arco iris" (Claudio Torres), é identica a sua, e mesmo até do Norte, sua terra natal assim supponho, não acha identica?

Peço-lhe assim a resposta, e espero com o maximo anceio a sua proxima obra.

Sua adimiradora — *Jean Harlow*."

E agora, caro Jean, obrigado e — amen.

CURIOSA (Capital) — Que quererá essa moça curiosa, com a sua cartinha lilaz?

Vamos lel-a, aqui, muito em segredo.

"Caro Yves Toda a semana que compro o *Fon-Fon* a primeira cou-

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-5456
FON-FON — 27-5-933

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

...sa que faço é procurar a sua pagina Saibam Todos... Acho-a simplesmente adoravel. Gosto immensamente de você como poeta, mas o que mais me atrai é o seu nome. Que nome colossal! Eu já gostei de alguem que era seu chará, mas não quero apaixonar-me por você, porque você é poeta, e os poetas sonham cousas que não existem...

O motivo que lhe escrevo é que, soube outro dia que você é amigo de Paulo Gustavo, e eu ando impressionada com a idade dele. Yves, eu sou mulher, sendo mulher sofro do mal que todas sofrem: a curiosidade, (em mim esta molestia não está de todo aggravada porque tenho apenas 17 annos) e, pensei que ninguem melhor que você poderia esclarecer-me neste ponto. Eu não acredito muito no que elle dizia a respeito, mas tambem não acredito que um homem hiper-super-ultra-extra... ordinario como Paulo Gustavo (não se ofende porque você tambem é, mas agora estamos tratando dele) possa mentir. Si você disser a verdade sobre a idade dele, eu contar-lhe ei um unico segredo que tenho, que ficará sendo nosso, só nosso, de mais ninguem (si Paulinho lêsse isto era capaz de não acreditar, pois na opinião dele segredo na bocca de mulher não é mais segredo. Você Yves, tambem pensa deste modo?). Nesta carta eu não assinarei meu nome escreverei um pseudonymo qualquer. Não se zangue sim? Eu tenho um papae severo, e tenho muito medo dele. Pode ser que na outra eu me assine. Ah! é verdade, ja ia esquecendo-me; poderei eu ter a honra de telefonar para você, Yves? Conforme a resposta, é favor mandar o numero do apparelho.

Bem, Yves si eu estivesse escrevendo para Paulo Gustavo pediria a benção, mas como é para você, é um pouco dificil, por isso acho melhor dar-lhe um aperto de mão, só um aperto de mão. — *Curiosa.*"

Resposta: O Paulo Gustavo é joven, branco meio louro, bonito, elegante, usa excellentes perfumes, é militar, tem muito talento, é querido das "pequenas", de 17 annos, não usa bigodes nem barbas, possue varios ternos, tem automovel (não sei a marca) anda sempre com as *notas* (desculpe a gyria) na carteira, é vaccinado e recebe cartinhas amorosas de todas as côres e feitios.

Que mais deseja? Meu telephone, mais certo, é o n. 2-5456 de 11 ás 5 horas e o da redacção, n. 2-4136, pela manhã e depois de 5 horas da tarde. E' só?

J. MEDEIROS (3) — O seu trabalho foi para a cesta. E de outra vez, abra um tratado de civilidade, e leia o capitulo: "Das mensagens". Verá mais ou menos isto: "Uma pessôa educada e de bom gosto não escreve a estranhos e que merecem attenção e respeito, em papel almasso de segunda ordem. Uma carta é bem o reflexo da alma de quem escreve. E é por isso que muitas dellas dão a impressão de que foram escriptas com estylographos de ouro e punhos de renda e outras que foram graphadas, não com pennas, mas com as proprias unhas, num tamborête de cosinha..."

Agora uma prova dos seus *meritos* literarios. E' o começo do seu conto:

"Gilberto, um joven que conta apenas 18 primaveras, é um désses tão raros moços que não sabem dizer phrases bonitas ás jovens... Não que elle seja completamente avêsso a essa cousa de namoro, não; o rapaz se esforça até por arranjar uma "garota" mas a sorte não ajuda..."

ROSENA (E. do Rio) — Oh, infinitamente grato pelas suas gentilezas. A sua cartinha côr de rosa é excessivamente amavel. Acredito que v. ex. teve apenas a preoccupação de me fazer um cumprimento. De qualquer modo, porém, — agradecido.

Desde que v. ex. declara que me deseja conhecer, ao menos de vista, é claro que alimento tambem o mesmo desejo, esperando que v. ex. se queira apresentar — uma vez que não lhe conheço senão o bello pseudonymo: *Rosena.*

Pela sua missiva, revela v. ex. um espirito encantador e uma intelligencia bonita. Acaso a sua alma será como a de todas as outras creaturas do seu sexo?

Como será a sua alma? Fingida? Sincera? Caprichosa? Docil? Voluvel? Boa? Má?

Chi lo sa? Talvez nem v. ex. mesma o saiba...

Yves

O homem que assasinou a morte...

ELLE tinha a idéa morbida de que devia morrer! Fôra até então um dynamo de beneficios, e agora por achar-se doente, só pensava assim: sua vida, inútil como até ali, não devia prolongar-se em inutilidades.

Por mais que os amigos o envolvessem num ambiente de francas e fraternaes alegrias, elle esquivava-se ao seu convivio, para logares lugûbres, fugindo.

Não mais um sorriso siquer de ironia para a vida, esse sorriso flagrantemente indispensavel aos seus lábios sensualissimos, bailando em castanholas de finos requintes, embellezado pelos seus alvos dentes.

....

Nesse estado de esquivamento, de tristeza monástica, permaneceu por mezes. Assim continuava até no dia em que, numa resolução fórte, inabalavel, de grande finalidade intellectual e psychica, elle mesmo, Mauro Alberto, num gesto de extraordinaria energia moral contra os elementos destruidores que trabalhavam incessantemente no seu subconsciente, a quererem destruir um pouco de consciencia que ainda lhe restava, pensa em viajar.

Aspiração essa das maiores que agazalhava em seu cérebro, esse que, na época de sua perfeita saúde, era um eterno esbanjador de bellezas!

E elle, Mauro Alberto, viajou...

Viajou para assassinar a morte, e assassinou-a, porque, não pensando mais nessa megéra de horrendas fauces e horriveis maneiras, abraçou com enthusiasmo a vida, a gloriosa alegria de viver.

Não fôssem os seus queridos paes e alguns amigos, os quaes ficaram na sua cidadesinha longinqua, a sua felicidade em ter vindo seria integral, plena, completa. Mas, não ha felicidade completa sobre a terra, já os antigos diziam...

Mauro Alberto, ambientado já na metropole estonteante que lhe era espiritualmente conhecida, vive a construir castellos de areia e mesquitas de illusões.

Faz gôsto ouvil-o agóra em palestras, exclamações como estas:

— Hei de ir muito breve a Buenos-Aires, Nice, Paris, Madrid, Berlim, Vienna... Não se esqueçam de que, após o meu regresso, descançarei uns dois mezes na minha cidadezinha natal, tão longe pela distancia e tão perto de mim pela lembrança evocativa, saudosa, de seus bucólicos ambientes embaladores... Voltarei a viajar. Irei (não menoscabem da minha grande pretensão) ao Oriente, ao Oriente longinquo, dos meus sonhos melhores... De lá trarei uma bella e sensual odalisca, para que vocês todos, meus distinctos amigos, fiquem com o sabor acidúlo de tamarindo na bôcca!

Mauro Alberto é, portanto, actualmente, uma verdadeira gargalhada em férias...

MILTON FONTOURA

ZAROFF, O CAÇADOR DE VIDAS

(Continuação)

O segredo das caçadas excêntricas do conde Zaroff está desvendado! Zaroff procurava justificar-se á joven quasi desmaiada de pavor. Mais tarde, falando a Bob, insinua-lhe uma associação na proxima caçada, quando um outro navio trouxer victimas novas. Bob recusa-se a fazer parte dessa aventura sanguinaria. E' então avisado de que será a proxima victima. Conheceu igualmente as condições em que se feriam as taes caçadas. Cada homem que fosse arrastado ao local das caçadas teria direito a usar uma faca. Si uma das victimas conseguir illudir a perseguição do conde no espaço de 24 horas, Bob será poupado e conduzido á terra, juntamente com Eve. Bob quer sahir para assistir ás sinistras provas e sabendo, de antemão, que tambem seria submettido a todos os riscos. Eve, porém, diz que não ficará sozinha e Bob convida a mocinha a acompanhál-o. Deste modo, os dois põem-se a caminho.

Um pouco mais tarde, tem inicio uma luta dramatica e terrivel. Dando inicio aos seus trabalhos de defeza, Bob constróe diversas armadilhas engenhosas. Zaroff, no emtanto, e embora com difficuldade, consegue livrar-se de todas. O conde atira flechas sobre Bob inutilmente. Por ultimo, o conde solta os seus cães sobre o joven. E, emquanto Bob está lutando com um dos animaes, elle atira. O rapaz e o cão cahem então, de grande altura, sobre as aguas. Zaroff subjuga Eve, levando-a para casa. Entretanto, estão sendo esperados por Bob. O tiro de Zaroff attingira o animal e não o joven. Refeito de uma sensação de surpreza inevitavel, Zaroff atira-se a Bob, iniciando, destarte, uma luta tremenda.

ADEUS AS ARMAS (conclusão)

seja dirigida. E' por essa circumstancia que Frederico fica ignorando que Catherine vae dar á luz um filho seu.

E Henry reflecte no estranho caso da paixão que o venceu precisamente na hora em que o mundo, a guerra, se insurgem contra o seu amor. E, revoltado, elle se indigna contra a fatalidade da guerra e assenta desertar, ignorante de que Catherine, a essa hora, já buscou refugio num paiz limitrophe.

N'essa noite, as linhas de frente cedem a uma poderosa investida inimiga. Frederico, envolvido no turbilhão do exercito em retirada, procura reunir se a Catherine na cidade que foi testemunha da sua felicidade. A policia de guerra está, porém, executando todos os officiaes encontrados na linha de retirada, e depressa ella descobre Frederico. Em frente á escolta de fuzilamento, elle aguarda o momento de dar a vida em holocausto ao seu amor. A' sua vista, a torrente cada vez mais volumosa arrasta os mortos no seu impeto...

De um salto, Frederico, pula á agua e mergulha o mais fundo que pode. A muitas milhas de distancia elle pula em terra, e pouco a pouco, alcança a cidade visada, onde Helen, a amiga de Catherine, lhe revela o que foi feito da linda enfermeira.

Henry joga fóra o seu uniforme e dirige-se a uma localidade, perto da fronteira. Reconhecem-no por um official, e para se salvar, elle rema milhas e milhas, de um a outro lado de um lago, sob furiosa tempestade, até afinal alcançar o logar propicio donde poderá pôr-se a salvo.

Uma nova desillusão o espera: Helena está no hospital, morrendo talvez. Frederico encontra-a. A criança morreu, e ella propria...

Mas Henry toma-lhe nos braços o corpo enfraquecido, beija-a com meiguice, evocando a vida que o amôr lhes creára, agora que são livres.

Lá fóra, cessa a chuva; e o sol pompeia no céu, numa reverberação de gloria.

E Catherine sorri, pois a guerra está agora longe, bem longe, — tão longe que nem Frederico, nem ella, terão mais porque temêl-a!

GUIA SCIENTIFICO DE "FON-FON"

MEDICOS

Dr. JORGE DE LIMA — Medico. Rua Alcindo Guanabara, 15 - A. 8.º andar. Tel. 2 - 9277.

Dr. RAPHAEL PARDELLAS — Serviço de Cardiologia, doenças pulmonares e pneumotorax. De 14 horas em deante. Rua Republica do Perú, 74. Tel. 2 - 0446.

Dr. JORGE DE MEDEIROS — Diathermia, alta frequencia, correntes galvanicas, raios ultra-violeta, infra-vermelhos, massagens electricas, etc. Carmo, 65 - 3.º andar. Tel. 4 - 0806.

Dr. MARINO MACHADO — Medico dos Hospitaes da Santa Casa: Pulmão, Coração e Rins, das 13 ás 18 hs. Uruguayana, 24 - 4.º Tel. 2 - 1348.

Prof. BRUNO LOBO — Laboratorio de analyses e pesquizas. Gonçalves Dias, 17 - 1.º Tel. 2 - 4863.

Prof. CLEMENTINO FRAGA — Mudou seu Consultorio para a (Travessa do Ouvidor, 36). 2 horas em deante, diariamente.

Dr. LUIZ SODRE' — Varizes. Tratamento medico sem operação e sem dôr. Consultas diarias com hora marcada. Rodrigo Silva, 14 - sob. Tel. 2 - 0698.

Dr. GENESIO PITANGA — Tuberculose. Pneumotorax. Quitanda, 17 - 2.º andar. De 4 e meia em deante, excepto ás quintas.

Dr. NEVES MANTA — Doenças Nervosas e Mentaes. Rodrigo Silva, 30 - 1.º andar.

Dr. VEIGA LIMA — Molestias Internas. De 4 ás 6 hs., diariamente. S. José, 63 - 1.º andar.

Dr. CARAMURU' DE MEDEIROS — Clinica Medica e Partos. De 16 ás 19 horas, diariamente. São José, 67 - 3.º andar.

Dr. MIGUEL DIBO — Clinica Medica. Doenças da nutrição. De 17 horas em deante. Largo da Carioca, 15 - 1.º

Dr. LEITE DE CASTRO — (Chefe de Clinica da Beneficencia Portugueza). Clinica Medico Cirurgica. Vias Urinarias — Electricidade Medica. Assembléa, 98 - 3.º De 12 ás 17 horas. Tel. 2 - 0346.

Dr. ROSA MARTINS — Da Faculdade do Rio de Janeiro e da Universidade de Bruxellas. Longa pratica nos hospitaes de Paris, Berlim e Bruxellas. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Tel. 2 - 7983.

Dr. A. CRUVINEL RATTO — Vias Urinarias e Gynecologia. Praça Floriano, 55 - 10º andar. Diariamente. Tel. 2 - 7983.

Dr. ARTHUR BREVES — Da Beneficencia Portugueza. Operações. Urologia. Assembléa, 98. Do 1 ás 3 e meia horas.

Prof. RENATO MACHADO — Ouvidos, nariz, garganta e cirurgia da face. Rua Alcindo Guanabara, 15 A - 4.º Tel. 2 - 0912.

Dr. CHRYSO FONTES — Medico e Dentista. Prof. da Universidade. Clinica e Cirurgia Especialisadas da bôcca e da face. Prothese restauradora. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Diariamente. Tel. 2 - 4386.

TRATAMENTO DA PELLE — Couro cabelludo. Cirurgia esthetica. Dr. PIRES. (Com pratica dos hospitaes de Berlim e Paris). Praça Floriano, 55 - 6.º andar. Tel. 2 - 0425.

Dr. MILTON DE CARVALHO — Ouvidos, Nariz e Garganta. São José, 84 - 4.º andar.

Dr. MURILLO FONTES — Cirurgia em Geral. Molestias das Senhoras, males das Vias Urinarias. Tratamento pela Diathermia. Rua do Carmo, 65 - 3.º andar. Tel. 4 - 0806.

Dr. NELSON TORRES — Clinica Geral. Praça Olavo Bilac, 11 - 1.º Diariamente, de 3 ás 7 horas. Tel. 3 - 5014.

Dr. RENATO DE SOUZA LOPES — Da Faculdade de Medicina. Doenças do apparelho digestivo e Nervosas. Raios X. Rua São José, 39 - De 3 ás 6.

Prof. UGO PINHEIRO GUIMARÃES — Cirurgia Geral. Cancer. Vias Urinarias. Rua Uruguayana, 104 - 5.º andar. Tel. 3 - 4120.

INSTITUTO DR. ANYSIO DE SÁ (Ex-Ehrlich) Analyses Clinicas de qualquer natureza: 175 e 177, Av. Rio Branco. Tel. 3 - 0449.

Prof. ABELARDO DE BRITTO — Da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Dentes e Doenças da bôcca. Av. Rio Branco, 111 - 4.º, sala n. 401. Tel. 3 - 0265.

Prof. AGRIPPINO ETHIER — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Prof. AGNELLO CERQUEIRA — DENTISTA. Clinica especialisada de dentes artificiaes. Rua Rodrigo Silva, 42 - 4.º andar. Diariamente.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. HUMBERTO GOTUZZO — Doenças Nervosas. Rua 7 de Setembro, 111 - 1.º andar. Diariamente, ás 5 horas.

Dr. CARLOS FREIRE — Clinica Medica. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Diariamente, ás 2 hs. Tel. 2 - 3464 e 8 - 1479.

Dr. HUMBERTO RAMOS — Especialista em doenças dos ouvidos, nariz e garganta. Av. Rio Branco, 183, - 7.º Diariamente, das 4 ás 6 horas.

Dr. ARMINIO TAVARES — Ouvidos, Nariz e Garganta. Av. Rio Branco, 183-77.º Tel. 2 - 9708. 3as., 5as. e Sabb.: 13 ás 16 hs.

Dr. J. M. MONIZ DE ARAGÃO — Assistente do Prof. Fernando Magalhães. (Livre Docente de Clinica - Obstetrica). Partos e Molestias das Senhoras. Rua Alcindo Guanabara, 26 - 1.º Diariamente, ás 5 horas.

Dr. ARISTÃO GONÇALVES NEVES — Doenças internas. Diariamente, ás 10 hs. 3as., 5as. e sabbados, depois de 3 horas. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Tel. 2 - 3464.

Dr. JAREBAS PENTEADO — Clinica Medica. Electricidade em Geral. Raios ultra-violeta, infra-vermelho, diathermia, banhos, condensadores, etc. Av. Rio Branco, 183 7.º Diariamente, das 14 ás 17 horas.

Dr. J. V. COLLARES — Docente da Universidade do Rio de Janeiro. Doenças internas e nervosas. Rua Alcindo Guanabara, 15 - 3.º

LABORATORIO DE ANALYSES MEDICAS — Dr. ARTHUR DE S. CAVALCANTI. (Chefe Lab. Serviço Clinico Prof. A. Austregesilo). (20.ª Enf. — Hospital Misericordia). Av. Rio Branco, 183-9.º, sala 908. Tel. 2-0246.

Dr. GABRIEL DE ANDRADE — Oculista. Rua Alcindo Guanabara, 15 A - 2.º Todos os dias, de 1 ás 5 horas.

CLINICA DR. MOURA BRASIL — Do Dr. MOURA BRASIL DO AMARAL. Consultas de 2 ás 6 horas. Rua Uruguayana, 25 - 1.º Tel. 2 - 2289.

Dr. HUGO W. LAEMMERT — Cirurgia geral, doenças da mulher e partos. Repª do Perú, 98 - 3.º Das 3 ás 6 hs. Diariamente. Tel. 2 - 1797.

Dr. ALEXANDRINO AGRA — Dentista. Diariamente, desde 8 hs. São José, 84 - 3.º Tel. 2 - 6200.

FREDERICO C. EYER — Prof. de Clinica Odontologica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Av. Almirante Barroso, 11. Tel. 2 - 6024.

Dr. GARCIA JUNIOR — Clinica Geral. Av. Rio Branco, 183 - 7.º 3as., 5as. e sabbados, depois das 15 horas.

HERÓES DO MAR

(CONCLUSÃO)

mos momentos que antecedem ao embarque para assediar, com os seus galanteios, Helga, a sua encantadora prima. Mas a joven não lhe dá ouvidos e vae repousar os olhos meigos na figura impressionante do capitão Liers. E como este tentasse pilheriar acerca dos seus provaveis amores com o estouvado tenente, ella lhe responde, com um sorriso malicioso:

— Não fôra um "bôbo" e talvez aqui existisse, neste momento realmente um par amoroso...

Frips sorridente, julga que Helga quer alludir a elle e Liers não empresta á phrase a menor importancia. Pouco depois, embarcam todos.

Agora se encontram a bordo de um dos mais terriveis submarinos que fiscalizam os mares do Norte. Seguem no encalço de uma flotilha de cruzadores que deve levar aos russos, pelo Baltico, poderosos reforços. A missão é evitar que essas tropas frescas cheguem ao seu destino. O periscopio, como um olho attento á superficie, sonda a immensidão liquida, avido por encontrar o inimigo. Liers nada revela na sua mascara impassivel. Até que, por uma tarde sombria, os vultos pesados dos cruzadores perseguidos atravessam a lente reticulada do periscopio. Então, a bordo, á inercia de momentos antes, succede uma agitação febril. Cruzam-se ordens de commando. Liers, o olho grudado ao complicado apparelho de examinar a superficie, dirige as manobras. Na camara dos torpedos, estes medonhos engenhos são cuidadosamente preparados para a sua terrivel missão destruidora. De repente, uma linha vertiginosa de espuma á flôr das aguas e o abalo de uma explosão violenta ao tempo que uma enorme massa de ferro mergulha vagarosamente nas ondas attestam que o submarino levára a cabo a sua missão. A tripulação saúda enthusiasmada o capitão Liers, mas este se não deixa envaidecer por aquelle triumpho. Sabe que, mais do que nunca, deve estar attento. Manda mergulhar novamente o seu barco de aço e trata de sahir quanto antes da zona perigosa. Não tarda muito, e explosões continuas e cada vez mais proximas lhe chegam ao ouvido. São os torpedeiros velozes que atiram, de passagem, ao fundo do oceano, minas destinadas a destruir o inimigo occulto. Uma mina que attingisse o submarino, e este ficaria reduzido a destroços, com todos os seus homens, no fundo do mar. Mas o perigo passa. Liers, sorridente, trata de redigir o seu diario de guerra, sonhando com o regresso proximo. E' quando, livre das preoccupações do combate que viéra de travar, os seus pensamentos se voltam para a figura encantadora de Helga. Comprehende, então, o sentido da sua phrase ambigua. Sim, o "bôbo" a quem ella se referira era elle proprio, que se não atrevêra nunca a confessar-lhe o que sentia. Confessa-o a Frips e nota que este empallidece e abandona a camara em que se achavam, com um ar de profunda desillusão. O submarino approxima-se, pouco a pouco, do ponto de partida, orgulhoso da victoria facilmente conquistada. Nisto um veleiro abandonado ao sabor das ondas, sem pavilhão a lhe assignalar a nacionalidade, chama a attenção de Liers. Emerge para examinal-o de perto. A bordo daquelle navio mysterioso passeiam alguns homens e uma bandeira sobe ao mastro de signaes: a da Dinamarca. Do submarino preparam-se para abordál-o afim de examinar-lhe os documentos, quando, de repente, um canhão disfarçado, no barco inoffensivo, rompe fogo bruscamente contra a nave allemã. Tratava-se de uma "cilada" para apanhar de surpresa os terriveis patrulhadores dos mares. Um combate violento trava-se entre a "Cilada" e o submarino, terminando pela victoria deste com a destruição daquella. Mas, porque os homens que a defendiam se precipitassem ao mar para fugir á explosão, Liers manda, num gesto de cavalheirismo e de humanidade, que lhe atirem um escaler para recolhêl-os a bordo. Nesse momento através das cortinas negras de fumo do navio incendiado, percebe a sombra negra de um cruzador que lhe vem dar combate. A "cilada" ao mesmo tempo que enviava á esquadra ingleza pelo radio a localização do submarino, tratava de mantêl-o á tona simulando combatêl-o. Dahi a brusca apparição do cruzador. Mal o submarino se apresta para mergulhar e fugir ao novo perigo, lhe rebenta em cima uma granada. Desce sem governo e se aquieta, como um peixe ferido, no fundo das aguas. Começa a tragica odysséa das tripulações mergulhadas. As horas decorrem lentas e sombrias naquelle estreito compartimento em que dez homens aguardam a peor das mortes. Quando Jaul, após seis horas de completa escuridão, consegue preparar uma lampada valendo-se de um resto de energia que havia a bordo, é que o horror da situação vem quebrantar o animo daquelles heroicos marinheiros. Frips percebe, no emtanto, que se encontram justamente na camara em que existiam salva-vidas modernos por intermedio dos quaes poderiam os homens se livrar da asphyxia. Liers, porém, sorri com amargura. Sim, os salva-vidas ali estavam... mas eram apenas oito para dez homens! Elle e Frips bem que se sacrificariam, como officiaes, para que a tripulação se salvasse. Mas aquelles homens rudes não acceitam semelhante holocausto. Ou se salvam todos, ou não se salva nenhum. Emquanto se trava nas profundezas do oceano um dialogo de sublime desprendimento pela vida, e amor á patria, Frips e um taciturno tripulante do submarino concertam, em surdina, um plano qualquer. Apertam-se depois as mãos como numa despedida. Duas detonações se ouvem e dois corpos tombam. Elles se haviam eliminado para que os outros se salvassem. No rosto impassivel de Liers, pela primeira vez, as lagrimas surgem.

— Frips, por que fizeste isso? — murmura, desesperado.

Mas a sua voz de novo se ergue naquelle sinistro compartimento.

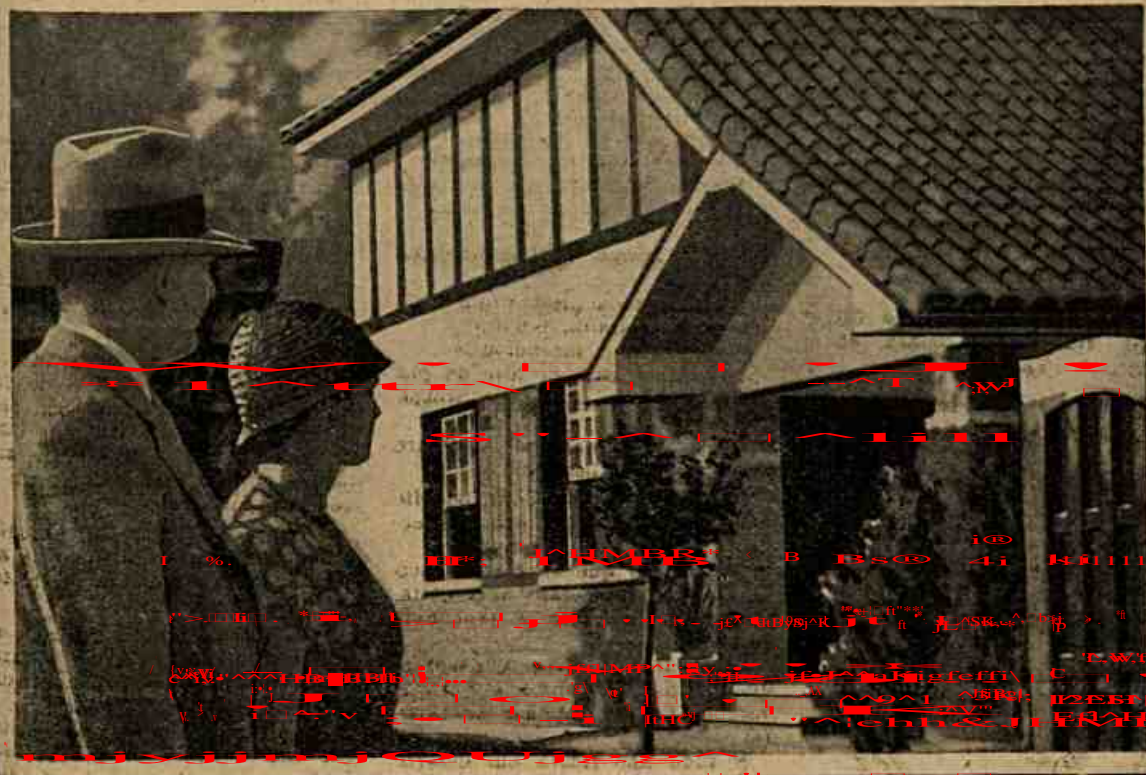
— Agora temos que nos salvar. A nossa vida já não nos pertence. Elles se mataram para que nós vivessemos... para que a patria pudesse se valer novamente dos nossos serviços...

E todos os homens obedecendo-lhe ás ordens, apanham, automaticamente, os salva-vidas e ganham a superficie das aguas por uma escotilha aberta.

De novo em Meerstirchenen o povo se aggloméra para ver partir os tripulantes de um submarino, mas não ha mais discursos nem o mesmo enthusiasmo das vezes anteriores. E' que todos começavam a comprehender que a guerra é o peor dos flagellos e a annullação completa de todos os esforços do homem em se aperfeiçoar cada vez mais pela civilização.

E, de novo, Liers, no bojo de um outro submarino, mergulha nos mares cinzentos do norte para novas missões, emquanto Helga, certa desta vez de que o seu amor é correspondido, fica a aguardar-lhe, confiante, a volta...

Felizes os que possuem

a casa em que moram!

É a exclamação ouvida em toda a parte, a todas as horas... E quiçá, quantas vezes V. S. mesmo não terá sopitado um sentimento de inveja ao saber de um amigo que realizou o sonho de possuir a casa em que reside?

E' de invejar-se a felicidade de quem consegue tornar realidade a aspiração de ser o proprietario de seu lar. Não é impossivel ser o dono de uma casa. Si V. S. não se decidiu ainda a comprar sua casa, pagando-a a prestações, sem duvida foi pelo temor de deixar á esposa, subitamente, o difficil problema do resgate da hypotheca que pesar sobre a propriedade com que sonha.

Entretanto, existe uma modalidade de seguro — o seguro hypothecario — cujo fim é justamente isentar as esposas e herdeiros dessa difficuldade, com o resgate prompto do compromisso assumido pelo chefe da familia. Leve avante seus meritorios projectos! Uma casa é a melhor herança que poderá deixar aos seus, sobretudo livre e desembaraçada de quaesquer onus, como lhe facultará o seguro hypothecario.

SUL AMERICA
Caixa Postal 971 — RIO DE JANEIRO

Sirvam-se enviar-me, sem compromisso de minha parte, o folheto sobre Seguro Hypothecario.

Nome ______________________

Endereço ______________________

Cidade ______________________

Estado ______________________

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

TRANFORMAÇÃO

(Ao Elcias Lopes que tem talento, cultura e bondade)

— DEUS t'abençõe...

E o pae de Antonio Galvão, segurando as rédeas, ajudava o filho a montar no seu cavallo castanho, vendo-o, depois, partir na estrada sêcca, de um inexquecivel terreno.

Desappareceu nas curvas do caminho, deixando um lar que empobrecêra, a irmã quasi á nudez e a saudade abençoada da velhinha mãe.

Isto em 1910.

A canicula viéra este anno com os ginêtes do Apocalypse. Nem, siquer, soou a trombêta.

O sol rotava esbraziante. De subito, revolveu todo nordeste.

E queimou a terra que se creára para viver e morrer de annos a annos.

Deus a assignalou com um eterno reverso.

E as labaredas destruiram a fazendóla da familia Galvão.

"Santa Rita" incendiou-se.

Sómente a casa no alto da planicie recordava uma rude prosperidade.

O curral desfazia-se e dentro branquejava as ossadas.

Dos animaes restou-lhe aquelle que presenteára ao seu descendente para errar pelo mundo.

Os riachos que enchiam e seccavam não receberam uma gôtta, porém, pés enxutos e venenosas serpentes.

Umaizeiros, á margem, desprendiam folhas resequidas e quebravam os raios homicidas do astro rei.

E tudo não ficára um deserto porque havia espiritos que se estorciam em calor mortal.

Esfomeados, ignorantes, existiam quando o Amazonas lhes appareceu ao desejo, não pelas fabulas da flora ou da fauna, mas pela realidade dos contos de reis que remettia Joaquim da Costa aos parentes, vizinhos ao velho Galvão.

E Antonio, joven, ainda, seguiu pelos campos tendo por tecto o céo, em que rolava o disco solar, plenamente, dourado.

De manhã á noite, trotava em uma alimaria, por taboleiros campinas, serras, em procura de ignotas paragens. Mas, a natureza sempre a mesma e, só de espaço em espaço, desfolhados arbustos que brotaram num chão adubado pelo fogo.

Parou sob o crepusculo, ouvindo o canto isolado e dolente de uma jurity. Pediu agazalho. Deram-lhe. E para comer, beijú de xique-xique. Deparou-se-lhe a mesma paizagem de onde partira.

No dia seguinte, descobriria a capital, ultimo ponto de sua vida agreste e o principio de uma época transformadora.

Molle, escaveirado, quasi inconsciente do que tinha sido e do que lhe aconteceria e empurrado pela fome e pelo chouto daquelle quadrupede, chegou e viu outro scenario, porém, monotono como o que o expulsára.

O mar. Vislumbrou-o naquella azulada opulencia, na qual se assentava a abobada do infinito. Sentiu o inesperado.

Mas, a sua ignorancia não vibraria ante as mudaveis bellezas de outros aspectos. A substituição dos quadros só emociona e attrahe as intelligencias cultas que têm a subtileza de observar desde a monstruosidade á filigrana.

Não se commoveu. Pasmou-se.

Notou, então, o contraste.

A direcção que se lhe abria ao desconhecido era molhada e ampla e aquella por que viéra, estreita e árida.

Seria feliz na immensidade. O criador alli fôra prodigo e prodigos os seus habitantes.

Vendeu o cavallinho estropeado e comprou passagem de terceira

na embarcação que rumasse ao Amazonas.

Numa tarde, quando as ondas se enrolavam, impellindo bótes nas praias e marinheiros, com teimosia, os arrojava ao oceano, embarcou.

* * *

No vapor, entre outros nómades, tambem despejados pelas furias do estio, Galvão, desconfiado e pouco loquaz, enrolou-se na rêde, a esperar, na molleza do enjôo o desembarque.

Passára-se uma semana e, de envolta ao mal estar das nauseas, entreviu, unicamente, passageiros, carga, tripulação e aquelle liquido infindo, como tudo nesses momentos ao seu pensar.

Em Belem, não saltou. De bordo, com a cabeça a sahir pela muralha, mirava a cidade, a bahia doce que, talvez, fosse o complemento oceanico.

Escutou as historias do Pará e achou-as exaggeradas e comicas.

De pérto, ia vêl-as para melhor identifical-as. Si, verdadeiras, rico, tambem, voltaria a rehaver os seus bens que não se constituiam, porque lá o kosmos, ainda, não se definira.

E começou a sonhar. O seu entendimento parecia libertar-se da solidez causada, pela incultura e pelo meio estéril e pobre em que lhe transmittiram, as mesmas idéas e o mesmo panorama.

* * *

De ancoras levantadas, seguiu o barco em rumo de Manáos.

Sobre o rio largo, manso, barrento e orlado de florestas fechadas, onde, apenas, se abriam alguns claros, navegava se, sem o minimo movimento. E Antonio Galvão no portaló a contemplar aquillo como uma lenda contada por Asaoherus.

E aquellas vistas o empolgavam com tal absorvição que lhe diziam os amigos:

—Vêves ahi só a olhal pra matta.

E o navio cortava a agua que descia, impetuosamente, e tão volumosa e compacta, que se assemelhava a uma grande massa de gêsso.

Galvão continuava deslumbrando-se ante a região differente da que nascêra e vivêra.

Transita rente ao mattagal e de um seu enorme especimen abriam-se caules, deixando o vento espalhar flócos de algodão.

Eram samaumeiras, toucando, bem do alto, aguaçaes e mattos.

E elle, a entrar em lugares estranhos e enormes.

Uma preguiça, quasi da sua altura, reflectia na lentidão das passadas os seus caracteristicos. E, assim, demonstrava as criações do ultimo eden que muita luz, baixando não teria o poder de incendial as.

Bestificava-se no demasiado daquelle trecho onde o omnipotente deveria residir.

Enxergou, com espanto, um reptil verde-escuro que se rastejava nas areias. Um jacaré que, na repellencia de sua força e astucia, escancarava a bócca para devorar a victima que se aproximava.

E, entre outras desproporções, chegou a Manáos.

* * *

Desembarcou. E no meio dos companheiros traficados, tambem, para a sugação das arvores, tomaram um hotel.

A civilização o dominou mais que aquelle itinerario, pelo surprehendente confronto.

Advenas que, em motuo-continuo, entravam e sahiam pelo *rodoway*, com physionomias de todas as côres brancas, pretas, amarellas e mesmo indecisas, assombraram-no, porque em dezoito annos vira, apenas, bichos domesticos e até as creaturas que lhe eram em tudo semelhantes.

A' noite, elle, em pé, com a apalermada frouxidão de quem espera outras scenas, avistou a illuminação sahir de pequenos glóbos e não comprehendia como fazêl-a sem a chamma do phosphoro ou o chamuscar do isqueiro.

Um bonde passava e Galvão, torcendo o pescoço, seguiu-o com os

(Continúa na pag. seguinte)

Transformação

(Continuação)

olhares até desapparecer numa rangedora curva. Lembrou-se das liteiras, carregadas por duas bestas, e admirou-se do vehiculo que marchava sem o menor empurrão.

E mulheres que andavam a sós, fóra de horas, em busca de amor e dinheiro e de sorriso mercantil, convidando alguem aos prazeres e gastos, numa disperdiçada sociedade.

Ao deitar-se, entre a algazarra dos hospedes, notou sensações mais leves que as recebidas na sua crestada infancia. O somno não lhe fôra tão fechado. Rodopiaram-lhe no cerebro, com maior clareza, aquellas scenas inopinadas.

Embarcava, no dia seguinte, em uma *gaiola*, para o Alto Purús.

* * *

Ainda tristonho seguiu em transporte de outro formato, porém, mais aprasivel. O que o conduzira do seu torrão natal era escuro e coberto e mergulhava, sempre, nas dobras inquietas do mar. O que o levava a outras paragens era aberto e quasi nivelando-se num fluido que se rasgava pela prôa.

E Galvão ia experimentando emoções de alegria. Talvez, pelo communismo ambulante.

Em baixo, alguem, deitado na rêde, tocava violão, harmonizando alguma voz que ia até as franjas verdes da floresta. Mulheres acompanhavam, em surdina, os sons e assentadas, dispunham nas malas sem esquecer, o vestuario para todo anno.

Lá, no alto tombadilho, estava a imprevidente ostentação. Seu chefe, com uma blusa de pyjama e calça de brim, mordia charutos de mil reis e pedia, em alta e grossa vóz, cervejas, dizendo aos companheiros que extrahira vinte mil kilos de borracha e que os vendêra a dez mil reis.

Antonio Galvão ignorava que seu patrão tinha sido grosseiro e pobre como elle.

Ouviu uma estalante gargalhada sabendo, depois, que era de sua amasia, que o divertia até aquelles latifundios, porém, a preço fixo e elevado.

* * *

Havia, nas conducções, o inverso.

O oceano exigia tudo trancado. O rio tudo descoberto. A carga alastrava-se da prôa á pôpa, do porão ao convez, como em loja de turco.

Todas essas apparencias transmudavam-lhe a alma, ainda incarnada no mesmo physico.

* * *

Parou, emfim, no seringal.

Logo, invadiu aquellas bandas para, cortando, apanhar-lhe o leite. Mezes depois, desprezou-os, trazendo da sua apavorante cerração a branca seiva que a reduziu em doze contos. E com estes estava, novamente, em Manáos.

* * *

Voltou ousado das sélvas.

O novo *habitat* o obrigára de *rifle*, terçado e machadinha, a defrontar imprevistos e subitos perigos. Esse ambiente maravilhou-o e o fez destemido.

O verde grandioso e denso surgia-lhe nos passos, não se lhe abrindo, ás vezes, um fino intervallo.

E essa selvageria déra-lhe ate a impressão de ser elle, tambem, uma féra.

Quando golpeava a seringueira, lobrigava no farfalhar recurvo das folhas o rasto velóz e saltitante de um veado, em igual tamanho aos bezerros dos seus longinquos sertões.

Voltando á barraca, percebêra que cortava a vereda uma surucúcú, deixando sulcos tão fundos que o estarrecia e que só a conhecêra nas historias de trancôso, contadas em noites escuras, ao alpendre solitario da sua saudosa choupana.

Ao poente, presentia o pisar subtil de um animal. Num pulo de saltimbanco, as garras se abriam, a cauda espannejava-se. Uma onça que voltava, aos saltos, o amago do seu esconderijo.

E os monstros lhe appareciam naquelle mundo, totalmente, espêsso.

Mas o bello, tambem, vivia na monstruosidade.

Lagos, em espelhante nivelamento, estavam rodeados pelas arvores e orlados pela elegante alvura dos garçaes.

Pelas estradas das seringueiras passavam, ás vezes, em negras ondulações, bandos jacamins que mesmo na barbaria revelavam carinhosa bondade. Ao presenciar alguem, davam, apenas, no chão florestal, um estremecedor esturro.

Aos domingos, reunia-se Galvão com os barraqueiros vizinhos e assistiam, em igaratés deslisantes, á grandeza da sua dominadora grandeza.

E toda aquella fauna despertava numa intensidade, em compactos cardumes, bravias manadas que no surprehendêl-os se descobriam o pavor e o assombro.

Até a belleza floral se excedia. Lagos se abriam para na pompa equatorial offertarem Victorias-Regias que, de caules desabrochados ao céo, aguardavam na sua esplendida brancura o beijo branco da lua que a lenda dissêra ser o noivo que vinha tocar, de quando em quando, na maciez de sua virgindade.

E dentro da opulencia de uma superficie que, talvez, fôra madrasta egoista daquella de onde sahira, permaneceu Antonio Galvão, trazendo aspirações e dinheiro.

(*Continúa no proximo numero*)

(Continuação do numero anterior)

— Deu-lhe portanto alguns esclarecimentos acerca do homem que avistamos no parque?

— Não me disse absolutamente nada. Sei porem que esse homem é irmão della; sei mais, que sahiu de uma cadeia central, e verosilmente de uma cadeia franceza. Sei emfim que persegue miss Elliot com perpetuos pedidos de dinheiro, e que ella procurava afastal-o, porque ha de confessar que a presença de um tal figurão não é de molde agradar a ninguem, nem mesmo a sua irmã!

— Mas como sabe tudo isso?

UM DRAMA EM (SHERLOCK HOLMES

— De deducções em deducções, sr. prefeito da policia. A sua semelhança traz-lhes o parentesco. Reconheci que o homem chegou de uma cadeia central devido á barba recente. Era até uma cadeia central de Paris, porque elle emprega umas certas palavras que se usam em Batignolles, e na sua conversa notam-se umas expressões de gyria que só usam os gatunos dos boulevardes exteriores.

"Quanto aos seus pedidos de dinheiro a miss Elliot, tenho delles conhecimento pela conversa no parque que ouvi com os meus proprios ouvidos."

"E agora, senhor prefeito, quer ter a bondade de restituir a liberdade de miss Nancy Elliot?

— Não é possivel, sr. Holmes, porque miss Elliot ainda está desmaiada, e o medico da prisão prohibiu formalmente qualquer interrogatorio.

— Bem! E' desagradavel deveras! Nesse caso é natural que miss Elliot, até que se reanime e possa sahir daqui, fique sob a sua guarda. Conto, senhor prefeito da policia, que a tratará o mais humanamente possivel.

— Agora que o ouvi sr. Sherlock Holmes, estou disposto a dar-lhe todas as satisfações no que diz respeito a miss Elliot, porque creio, e sei, que Sherlock nunca se engana.

— Infelizmente engano-me muitas vezes. Tem-me acontecido achar-me numa boa pista, vir uma rajada de vento, e voar tudo! E' o que acaba de me succeder. Comtudo, conservo a minha opinião. E' que o irmão de miss Elliot é o assassino, sem que ella tenha disso o minimo conhecimentos.

— Mas como confirmar essa suspeita?

— Em primeiro logar, sei que o homem perdeu trinta e cinco mil francos em notas na casa de jogo e lord Woodville foi roubado em trinta e cinco mil francos que ganhara de manhã.

— Ah! ah! mas isso é já uma prova seria de culpabilidade.

— Tem tambem uma escoriação na mão esquerda.

— E como foi que se feriu?

— Num trabalho extraordinario que realizou no hotel Paris. Trabalhou uma hora inteira na camara telephonica. Ergueu o tecto e trepou por esse caminho ao quarto de vestir de miss Nancy Elliot. Dahi,

MONTE-CARLO

POR CONAN DOYLE)

ha uma porta que conduz aos aposentos do lord Woodville.

"O assassino descalçou os sapatos e atravessou a sala em bicos de pés. Penetrou no gabinete do lord, ainda que as portas que dão para o corredor estivessem fechadas. Depois approximou-se por detraz da cadeira do lord, e mergulhou-lhe o punhal no peito.

— E descobriu tudo isso? senhor Holmes! Ah! acaba de mostrar mais uma vez que é mestre e que nós não passamos de uns parvos.

— Era muito facil descobrir. Sabe tambem que tenho uma certa sorte. Pode até dizer que desta vez fui particularmente favorecido.

— E' demasiado modesto, sr. Sherlock Holmes.

Muito alegre, o policia poz-se a fazer estalar os dedos.

— Tenho ainda uma razão para me rejubilar. Quasi que conheço o criminoso; ainda o não tenho em meu poder, mas tudo me leva a pensar que o prenderei ainda esta noite.

— Onde ficou elle, quando entravamos no parque?

— Foi lançar-se ao mar.

— Ao mar? Então afogou-se?

— Oh! não, não tinha necessidade disso. Se nada alguma coisa, foi ter a outro ponto do rio e, alguns minutos mais tarde, continuou o seu cachimbo.

"Mas eis justamente onde temos alguma probabilidade de tornar a encontrar o homem. Não poderá voltar para o seu hotel com o fato encharcado. Tem má reputação, e pode receiar que esse fato o deva trahir. Ha de portanto estar num sitio seguro.

— Onde poderá ser? perguntou o prefeito da policia.

— Vou dizer-lh'o: no quarto de Maria Dillon uma creada do hotel de Paris.

— Ah! mas é a mulher que encontrou o punhal o relogio e o alfinete de gravata no quarto de Baptista, o rapaz que foi o ultimo que serviu lord Woodville.

— Elle disse tel-os encontrado ahi, senhor prefeito da policia. Essa mulher é cumplice do assassinato, e contribuiu para fazer recahir todas as suspeitas sobre um innocente. Ao mesmo tempo, exerceu uma pequena vingança pessoal. O rapaz tivera relações com ella, e rompera-as recentemente.

— Parece-me que leva um pouco longe as suas suspeitas, sr. Holmes disse o prefeito da policia.

— Nada, absolutamente, e vou mostrar-lhe em que as baseio. Disse-lhe que o criminoso se introduziu no hotel sob a apparencia de um empregado do telephone e que pela camara telephonica alcançara o primeiro andar. Quer ter a bondade de me explicar como é que elle conhecia a casa a ponto de saber que o quarto

(Continúa na pag. seguinte)

de vestir de miss Elliot era justamente por cima dessa camara?

— Talvez a irmã lh'o dissesse.

— Affaste essa hypothese: elle nunca entrou nos aposentos da irmã. Não, não foi ella quem o informou. Foi Maria Dillon quem lhe forneceu todos os detalhes; está ha dois annos no hotel e conhece-lhe todos os cantos.

— E de que modo travou a creada relações com elle? perguntou o prefeiot da policia.

— Ha aqui uma lacuna, mas só na apparencia. Dê-me toda a attenção, senhor prefeito, vae ver o seguimento. Miss Elliot precisava de alguem que a puzesse em communicação com o irmão, para lhe mandar cartas e dinheiro.

"De quem se serve uma mulher para taes missões, sinão da creada de quarto? Como miss Elliot não trouxera creada para Monte-Carlo, empregava Maria Dillon ao seu serviço assim como lord Woodville fizera do pobre Baptista Heullard o seu creado de quarto.

Maria Dillon levou, pois, as cartas ao irmão de Nancy. Este comprehendeu immediatamente que ella podia ser o instrumento dos seus designios. Começou a cortejar uma rapariga, e annunciou-lhe a sua intenção de roubar o lord, fugir com ella para a America.

"A creada de quarto acceitou a combinação. Depressa devia ter o castigo porque foi cruelmente enganada. Julgava apenas ajudar o namorado a livrar-se do lord, quando elle viera a Monte-Carlo com a intenção de o matar.

— Ah! isso é novo, sr. Holmes. Como, pois, elle recebera a missão de assassinar o lord?

— Mas certamente, retrucou Holmes com autoridade. Vamos, espero ouvir ainda esta noite da bocca do criminoso o nome daquelle que lhe deu essa missão. O criminoso roubou tambem afim de augmentar o beneficio do seu feito.

"Realizado o crime o miseravel fugiu. Da camara telephonica, teve com o director a conversa que sabe. Depois reuniu-se a Maria Dillon.

Entregou-lhe o punhal ensanguentado e as joias para ella as fazer desapparecer. Apenas conservou o dinheiro; os trinta e cinco mil francos que roubara ao lord.

"Eis tudo! Creio senhor prefeito da policia, que acabo de lhe apresentar uma cadeia a que não falta um só annel!

— Nem um unico, sr. Holmes, disse o prefeito estendendo a mão ao policia, e junto a minha voz asseguro-lhe, ao concerto unanime das que o proclamaram o primeiro policia da nossa época.

— Agradeço-lhe infinitamente, tornou Sherlock sorrindo. Agora, urge adeantar o serviço o mais possivel.

"Tenha a bondade, senhor prefeito, de pôr á minha disposição quatro guardas, para prender o patife.

O prefeito da policia deu, acto continuo, as ordens necessarias, e passado alguns momentos Sherlock e os seus auxiliares sahiam da prefeitura e seguiam o caminho do hotel de Paris.

. . . .

— Precisamos proceder muito prudentemente, disse Sherlock Holmes, porque desejava devaras apanhal-o vivo. Se o não surprehendemos, é para receiar que se mate. Mas a noticia da prisão de miss Elliot ainda não chegou ao hotel, e espero que tudo ha de correr bem.

Entraram. O policia poz o gerente ao facto em poucas palavras, e pediu-lhe que o acompanhasse ao quarto de miss Elliot.

Os quatro guardas ficaram junto da escada.

— O que vae agora fazer, sr. Holmes? perguntou o gerente quando entraram na sala da artista.

— Antes de tudo, tratemos de dar luz, retrucou o policia. Depois, tenha a bondade de se conservar aqui e chamar a creada de quarto.

"Quando ella entrar, dir-lhe-á que miss Nancy Elliot está gravemente indisposta e a quer junto della.

— Felizmente Maria Dillon está de serviço esta noite, sem o que não viria ao toque de campainha.

Sherlock não ouviu.

Achava-se occulto por detraz da porta do quarto de dormir.

O gerente premiu duas vezes o botão da campainha electrica.

Passou-se bastante tempo, por fim bateram á porta.

— Entre, disse o gerente.

Abriu-se a porta. Maria Dillon entrou. Não pareceu pouco admirada de encontrar alli o gerente.

— Perdão, disse ella, mas julgava que miss Elliot me tinha chamado.

— Miss Elliot acha-se muito doente. Receio que seja muito grave o seu estado. Ha de cuidar della esta noite.

— Oh! meu Deus! disse Maria, miss Nancy, tão boa senhora! Seria terrivel se tambem ella.... mas vou fazer quanto esteja em meu poder para a melhorar. Chamara-no o medico?

— Está justmente no quarto, respondeu o gerente.

A creada correu a abrir a porta e entrou.

Ao mesmo tempo a porta fechou-se e ella viu-se na presença de Sherlock.

— O que é isto? disse muito surprehendida. Senhor Smith, o que faz aqui?

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$000

Enfraquecimento dos Rins

Envie o coupon hoje mesmo e pela volta do correio receberá um fornecimento GRATIS para experiência.

O exito de nossa cruzada contra o ENFRAQUECIMENTO DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Os primeros indicios de enfraquecimento dos rins, são em geral as dôres nas costas. A dôr póde ser leve no principio, porém se não se tomar immediatamente para combater a *causa*, a consequencia póde ser dias e noites de incessantes soffrimentos. Isto não é exaggero. Qualquer que soffra de Dôres Chronicas nas Costas lh'o dirá.

Renato Watson, rua Visconde de Pirajá 210, Rio de Janeiro. "Tendo recibido a amostra de suas Pilulas De Witt, é com o maior contentamento que venho, por meio desta, não só agradecer-lhes, como informar que estou completamente curado do mal dos rins que ha longos annos me fazi padecer. Usei muitos remedios sem conseguir melhora, até que respondendo ao vosso annuncio, experimentei essas maravilhosas Pilulas De Witt."

Ha mais de 40 annos que os medicos recommendam as Pilulas De Witt para as affecções dos rins e da bexiga. São um medicamento em que V. S. póde depositar toda a confiança, pois a sua acção benefica sobre os ditos orgãos é rapida e directa.

Nada custa experimentar as Pilulas De Witt; estamos tão convencidos de seus meritos que *preferimos* que V. S. as experimente sem qualquer outra despeza alem da do sello do correio de 20 reis para enviar o coupon abaixo.

PILULAS

De WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de:

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO GERAL, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R158),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto — sello 20 Reis

Uma Constipação mal tratada

é a porta aberta a todas as doenças da Garganta, dos Bronchios e dos Pulmões.

Não vos descuideis de uma constipação!

CONVEM TRATAL-A

energicamente e com pouca despeza usando as

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS

Mas sobre tudo não empregae senão as

verdadeiras Pastilhas VALDA

unicamente vendidas EM LATAS com o nome VALDA

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias